ISSN 2359-053x

ANO 5 - NÚMERO 62 -DEZEMBRO 2019

Xapuri SOCIOAMBIENTAL

R$15

CHICO MENDES: "SABIA QUE CHEGARIA, A MORTE SEM AVISAR"

p. 08

ECOLOGIA
Cerrado: fauna e flora

p. 16

ECOTURIMO
O Museu das Missões

p. 26

UNIVERSO FEMININO
Angela Davis: "A liberdade é uma luta constante"

p. 48

ACAIXAÉTODASUA

Vender as áreas da CAIXA que dão mais lucro é jogar dinheiro fora. O seu dinheiro.

ACAIXAETODASUA.COM.BR

COMITÊ NACIONAL
EM DEFESA DA CAIXA

> **E não diga**
> **Que a vitória está perdida**
> **Se é de batalhas**
> **Que se vive a vida**
>
> Raul Seixas

COLABORADORES/AS - DEZEMBRO

Ailton Krenak – Líder Indígena. Escritor. **Altair Sales Barbosa –** Arqueólogo. **Bia de Lima** – Professora. **Clarice Lispector** (*in memoriam*) **–** Escritora. **Eduardo Pereira –** Sociólogo. **Emir Sader –** Sociólogo. **Felício Pontes Jr. –** Procurador da República. Escritor. **Francisco Paulo Falbo Gontijo –** Historiador. **Gomercindo Rodrigues –** Advogado. **Iêda Leal –** Professora. **Iêda Vilas-Bôas –** Escritora. **Jaime Sautchuk –** Jornalista. **Janaina Faustino –** Gestora Ambiental. **Leonardo Boff –** Escritor. **Lúcia Resende –** Professora. **Pedro Tierra –** Poeta. **Zezé Weiss –** Jornalista.

CONSELHO EDITORIAL

1. Jaime Sautchuk – Jornalista
2. Zezé Weiss – Jornalista
3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo
4. Ângela Mendes – Ambientalista
5. Antenor Pinheiro – Jornalista
6. Elson Martins – Jornalista
7. Emir Sader – Sociólogo
8. Graça Fleury – Educadora
9. Jacy Afonso – Sindicalista
10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista
11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora
12. Trajano Jardim – Jornalista

EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental: Telefone: (61) 99967 7943. E-mail: contato@xapuri.info. Razão Social: Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. Endereço: BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. Edição: Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 9 8135 6822. Revisão: Lúcia Resende. Produção: Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. Marketing e Responsabilidade Social: Janaina Faustino (61) 9 9611 6826. Mídias Sociais: Eduardo Pereira. Tiragem: 5.000 exemplares. Circulação: Revista Impressa - Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri. info. Distribuição – Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

As festas de virada de ano são, também, ensejos de reflexão sobre os mais variados aspectos da vida. Qual o nosso destino como habitantes do planeta Terra? O que nos aguarda como brasileiros, um país ao mesmo tempo urbano e de rica (e ameaçada) diversidade socioambiental?

São perguntas de difíceis respostas, por suas naturezas, mas ainda menos fáceis pela fase histórica que vive o Brasil, sob um governo que propõe queimadas e desmatamento como norma de ocupação da Amazônia.

Falta ouvir o povo, as vozes da floresta, como a de Chico Mendes, um cidadão comum, que foi assassinado por defender um jeito sustentável de exploração econômica da floresta. Seu método é reconhecido no mundo inteiro como protetor não apenas da Amazônia brasileira, mas de todo o Planeta.

Por isso, o tema da matéria de Capa desta edição de Xapuri é, uma vez mais, deveras sugestivo. É bom lembrar de gente como Chico Mendes, porque nos traz esperanças de um mundo melhor, mais voltado à qualidade de vida do que ao lucro desmedido, ao viver na pujança da floresta em vez da vil ganância da acumulação de capital.

Todavia, não é só disso que tratamos nesta revista que começamos a folhear. Voltamos a lembrar a riqueza do Cerrado, outro bioma que ocupa o território brasileiro, também ameaçado pela ocupação predatória. Ou a lenda de Aruanã, que trata da criação da etnia Karajá, na rota do encantador rio Araguaia.

Tratamos de nossa realidade ao criticarmos a nova direção da Fundação Palmares, que, como demonstração de intenções, é racista e preconceituosa, cujo objetivo é desativar, destruir mesmo, a entidade que é símbolo da consciência negra no País.

Temos, ainda, as novidades na geopolítica da América Latina, com destaque ao caso de nossa vizinha Bolívia. E o Museu das Missões, nas ruínas de sítio histórico no Rio Grande do Sul, reconhecido pelas Nações Unidas como Patrimônio da Humanidade.

E vale saber do Guia Didático da História de Formosa, cidade de Goiás que já existia muito antes de Brasília. Ou a receita de paçoca de banana-da-terra, uma tradição indígena.

São alguns exemplos. Tem muito mais.

Boa Leitura!

Zezé Weiss e Jaime Sautchuk

Editores

Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Moro em uma chácara, tenho cães, e no sábado acordei bem cedo com uma bagunça danada, pensei que fosse briga. Dois dos meus cães de pequeno porte resolveram brincar com uma jararaca (tinha cara, jeito e cheiro) e foram picados na cabeça. Corri pra cidade atrás de algum soro, ajuda, sei lá. Na loja agropecuária me deram um de R$ 100 que não lembro o nome. Disse que não dava, perguntei se tinha outro. O rapaz me vendeu esse Específico Pessoa (da matéria que vocês publicaram) por R$ 20. Corri pra casa e dei goles pra eles desse soro. Foi infalível, como diz a bula. Eu vi a cobra, tive de matar a bichinha (infelizmente), por isso posso afirmar com segurança que meus cães foram picados por cobra grande, de uns 60 cm, e venenosa, e logo depois incharam muito, ficaram fracos e babando. Depois do soro, no mesmo dia, já se animaram e no outro dia desincharam. Esse relato pode ser de alguma serventia para que tenhamos medicamentos naturais e de baixo custo. Salvou a vida dos meus cães, e ainda economizei 80tão.

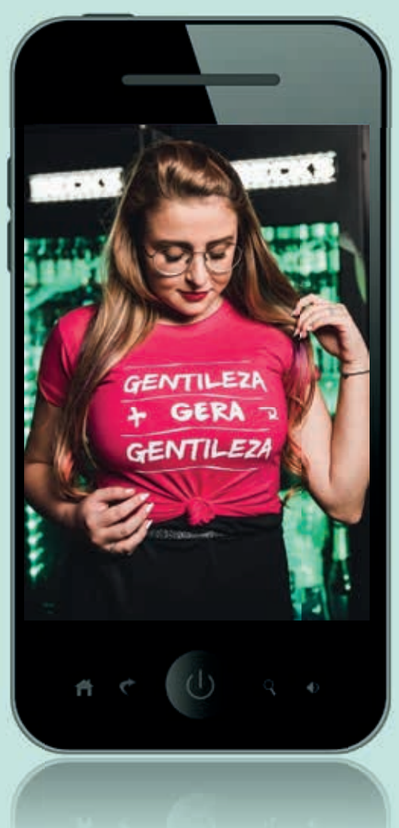
Ivan Alves Pereira – Águas Lindas de Goiás – GO.

Olá, gostaria de assinar a revista Xapuri. Quero também adquirir o livro Carlos Marighella, Comunista e Poeta de Todas as Horas. Quanto ao cafezinho e aos dois dedos de prosa, não estão dispensados. Qualquer hora apareço.

José Carlos Lauer – Assis – São Paulo

Amei a camiseta Krenak e a revista que vocês gentilmente mandaram junto com ela. Quero assinar!

José Pimenta – Salvador – Bahia.



Xapuri Loja Solidária

Imagem do mês

@xapuri_lojasolidaria

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

#revistaxapuri

Sua foto pode aparecer AQUI!

Xapuri SOCIOAMBIENTAL 62

DEZ 19

08 CAPA
Chico Mendes: "Sabia que chegaria, a morte sem avisar"

16 ECOLOGIA
Cerrado: fauna e flora

18 BIODIVERSIDADE
Ora-pro-nóbis: bife de pobre

19 MITOS E LENDAS
A lenda de Aruanã: o criador do povo Karajá

21 CONSCIÊNCIA NEGRA
Escárnio e racismo na Fundação Palmares

22 CONJUNTURA
Os livros de Álvaro

Xapuri – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

Boas-Vindas!

26 ECOTURISMO
O Museu das Missões

31 GASTRONOMIA
Paçoca de banana-da-terra tupinambá de Olivença

34 COMPORTAMENTO
Ocupar-se

35 HISTÓRIA SOCIAL
São Francisco de Sales: um pouco de história

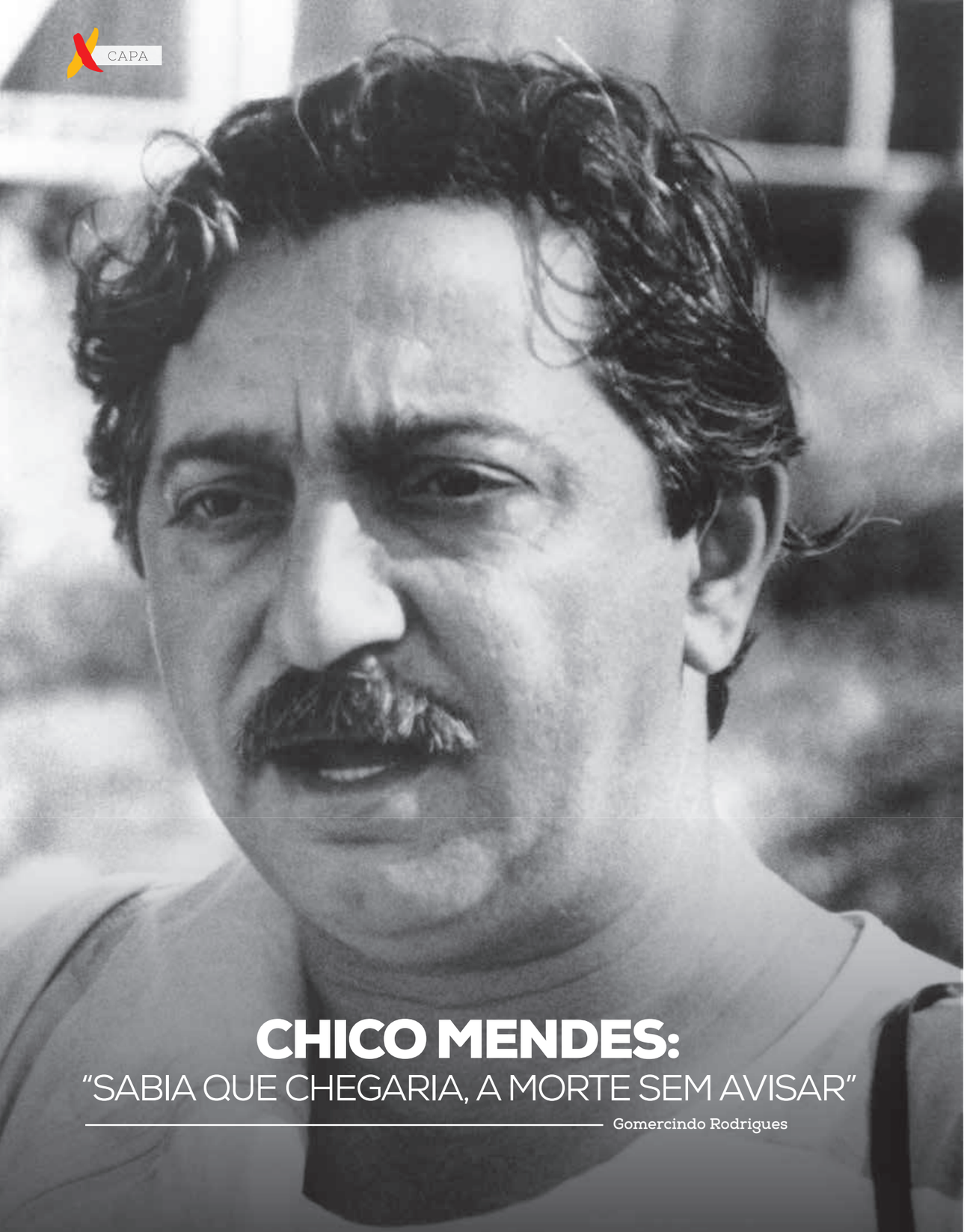
36 MEMÓRIA
A ditadura e os indígenas

38 LITERATURA
Os Bilros

42 SAGRADO INDÍGENA
Sobre o prosear com a natureza: "Qual é o problema?"

46 SUSTENTABILIDADE
Para além das nações, construir a Terra

48 UNIVERSO FEMININO
Angela Davis: "A liberdade é uma luta constante"



CHICO MENDES:
"SABIA QUE CHEGARIA, A MORTE SEM AVISAR"

Gomercindo Rodrigues

Falar de Chico Mendes é, primeiramente, falar de um homem comum. Um seringueiro de fato, um sindicalista, um ambientalista, um defensor da Amazônia e dos povos da floresta, mas acima de tudo um homem comum.

Sendo um homem comum, Chico Mendes adorava jogar dominó e baralho, sempre valendo alguma coisa, muito pouca coisa, mas valendo. Não jogava *"de graça"* porque, segundo ele, *"jogar de graça não tem graça"*. Embora jogasse a valer, nunca vi o Chico perder dinheiro que pudesse fazer-lhe falta, e olha que ele sempre tinha muito pouco. Eu não sei se efetivamente o Chico era um exímio jogador ou um ser humano muito comedido.

Jogar era, digamos, seu lazer predileto, mas normalmente não tinha muito tempo para fazê-lo, especialmente no pouco tempo – três anos – que convivi com ele, pois nesse período o Chico estava sempre viajando para ajudar a organizar o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e para divulgar as Reservas Extrativistas, proposta lançada em 1985, durante o I Encontro do CNS, em Brasília.

Como todo jovem daquela época, Chico gostava da diversão que era possível no seringal: jogar futebol, embora não fosse nenhum craque, jogar baralho e dominó e fazer "zoada" com o violão, normalmente acompanhando o amigo Raimundo Monteiro na sanfona, nos encontros na casa da família Monteiro, e nos dias de festa.

Nas festas, Chico era do tipo tímido, até porque não era um bom dançarino. Como sabia ler e escrever, o que Chico mais fazia nas festas era escrever bilhetes para as moças, em nome dos amigos. Em seu favor mesmo, Chico Mendes não escrevia bilhetes, e precisava da intermediação dos amigos quando queria se aproximar de uma possível pretendida, me disse o primo Tião Mendes.

Também, nas festas e fora delas, Chico bebia muito pouco, e raramente. Fumava, gostava muito de festas, mas não de bebidas. Nas festas, como era extremamente popular, ficava entre os companheiros, bicando de um copo e outro, mas tomando sempre o cuidado de não se embebedar. Na verdade, acho que as bicadas nos copos dos companheiros eram só pra fazer de conta.

Chico era muito requisitado para ler folhetos, na verdade livros da literatura de cordel. Todos são unânimes em dizer que ele lia as histórias muito bem, ficando sempre um grupo de pessoas à sua volta, absolutamente compenetradas e eletrizadas, rindo e acompanhando atentamente a leitura. Foram esses, talvez, os primeiros exercícios de Chico Mendes para falar em público, o que lhe facilitaria, mais tarde, dirigir as assembleias e as reuniões de trabalhadores rurais e sua participação como vereador (1977-1982) na Câmara Municipal de Xapuri.

Outra coisa gostosa de lembrar era a forma carinhosa como o Chico tratava seus filhos, quando voltava das viagens ele ficava sempre com eles, e também sempre que podia. São inúmeras fotos em que ele aparece com Elenira e Sandino. Em 1988, ele estava pensando em levar a Angela, sua filha do primeiro casamento, então com 19 anos, que estava se formando em contabilidade em Rio Branco, para trabalhar com ele no Sindicato, em Xapuri.

Eu acho que foi esse amor aos filhos que fez com que ele, ao ser atingido pelo disparo fatal, tentou andar até o quarto das crianças, onde caiu morto na porta. Não sei o que ele pensou naquele momento, quando gritou apenas: *"Os caras me acertaram!"*, mas acho que ele pensou nos filhos.

EXÍMIO SERINGUEIRO

Dona Cecília Mendes, tia de Chico, foi quem me confirmou que Chico Mendes nasceu na Colocação Bom Futuro, no Seringal Porto Rico, na "extrema" com os seringais Santa Fé e Porvir, à época município de Xapuri, hoje Epitaciolândia, em 15 de dezembro de 1944.

Chico foi o filho mais velho de Francisco Alves Mendes e Irani Freire Mendes, conhecida como Durica. Os avós paternos de Chico Mendes eram José Alves Mendes e Maria do Carmo Mendes, conhecida como Sinhá. Os maternos eram José Freire e Consuelo Lopes.

Como o pai de Chico nasceu com os pés virados e, embora tivesse sido tratado com cinza quente e sebo de cordeiro, que eram os tratamentos possíveis, ele "jogava a perna" e, por conta dessa deficiência, tinha dificuldade em cortar seringa. Por isso, muito cedo, Chico Mendes aprendeu a profissão do pai. E quando foi morar na Colocação Pote Seco, no Seringal Equador, aos 12 anos de idade, Chico já era o responsável por toda a produção da borracha, para ajudar na manutenção da família.

O primo Miguel Mendes me contou que Chico, garoto ainda, saía de casa por volta de uma, uma e meia da madrugada, sempre levando num vidro de biotônico uma boa quantidade de café, talvez para despertar-se do sono, talvez para ter a energia de que precisava para dar conta do serviço.

MEDO DE ONÇA

Por muitos anos, andei milhares de quilômetros por dentro da floresta e nunca vi uma onça. O máximo que senti da presença delas foram seus esturros e as marcas de suas pegadas.

Mas falo de onças porque, dentre as conversas que tive com Chico Mendes, às vezes só eu e ele caminhando pelos varadouros, Chico me disse muitas vezes que, no início do seu trabalho de corte de seringa, ainda garoto, seu grande medo era, efetivamente, de onça.

Para que ele se sentisse seguro, o pai tentou ensinar-lhe a atirar, mas Chico teve dificuldade em aprender, porque não conseguia "fazer mira" fechando um dos olhos. Nessa época, quando tinha por volta de 15 anos, sua companhia era um cachorro que na verdade mais atrapalhava do que ajudava, porque quando farejava onça entrava em desespero, o que fazia com que os dois corressem em pânico.

Em sua vida de seringueiro, Chico aprendeu a conhecer os remédios da floresta e a ser um bom caçador, para garantir o alimento da família. Depois das "esperas" na mata, sempre voltava pra casa com uma boa presa, mas a caça pra ele nunca foi diversão, ele só caçava para garantir o sustento.

Mais tarde, quando deixou de temer as onças, Chico passou a temer as divindades da floresta, como o caboclinho da mata, a mãe da seringueira. Sempre que perguntávamos se realmente acreditava nas divindades da mata, Chico nos respondia com um meio sorriso, de uma forma dúbia: "Eu sou seringueiro".

Foto: divugação

CONJUNTURA E MILITÂNCIA

Antes de ser líder em Xapuri, Chico Mendes já vinha de uma liderança forte no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, do qual participou da fundação em 1975, e foi eleito secretário-geral da primeira Diretoria. O STR de Brasileia foi a primeira organização forte dos trabalhadores rurais no estado; o primeiro foi em Sena Madureira.

Interessante é que culturalmente os seringueiros foram, durante quase um século, extremamente individualistas, na base do "cada um por si e Deus por todos". Até hoje o local onde o seringueiro mora se chama colocação, porque eles eram colocados, espalhados pelo seringal, distantes uns dos outros – e a distância se media em minutos, em horas, em dias.

O único lugar onde eles conseguiam se encontrar era no barracão, normalmente situado às margens do rio, sempre sob as vistas do gerente do barracão, ou dos jagunços, sem nenhuma chance para conversar entre eles.

Para fomentar a divisão e aumentar a vigilância, pois os seringais tinham áreas enormes, de 20, 30 mil hectares, os seringalistas chamavam um ou outro seringueiro e faziam sua proposta; o seguinte: *"no final do ano eu dou uma espingarda nova se você ficar de olho pra ver quem está vendendo borracha fora"*. Alguns concordavam. Como ninguém sabia quem era o dedo-duro, todo mundo desconfiava de todo mundo, gerando essa cultura do individualismo.

No final da década de 1960, chegou a primeira leva de "paulistas", como eram chamados os que chegavam ao Acre para comprar as grandes extensões de terra dos seringais; os que compravam as terras de avião, sem andar na mata; os que do alto perguntavam se lá embaixo tinha gente.

Aqueles que, quando os vendedores diziam que não havia gente na floresta, compravam a terra a preço de banana, e mandavam os prepostos, sempre acompanhados de jagunços, para ocupar os espaços que já eram ocupados. Expulsavam as famílias. Tocavam fogo. Derrubavam as casas. O seringueiro saía cedo para trabalhar e quando voltava a casa dele estava no chão; a mulher no terreiro. Era muita violência.

A diferença era gritante: para o fazendeiro, a floresta era um atrapalho; para o seringueiro, a terra era o que sustentava a floresta. Era o desencontro de dois mundos: para um, a terra é reserva de valor; para o outro, o que vale é a floresta, que dá tudo o que ele precisa. O seringueiro sem a floresta não sobrevive.

Quando o fazendeiro desmatava, o seringueiro ia sumindo. Então os seringueiros, que não tinham organização, começaram a fazer reuniões com as reuniões de base da Igreja Católica para discutir como se organizar. E nos meados da década de 1970, a Contag trouxe o pessoal dela para organizar os sindicatos, começando por Sena Madureira e Brasileia.

Os seringueiros começaram a sair das suas colocações para defender a colocação dos companheiros – surgiam os empates. Era um processo de autodefesa, a cultura do individualismo e da desconfiança foi-se rompendo. Porque o empate era uma questão de sobrevivência para o seringueiro. Ou eles "empatavam" o desmatamento, ou deixariam de ser seringueiros, pois deixaria de existir floresta. Em Brasileira houve vários empates.

Em 1980 mataram o Wilson Pinheiro, o Sindicato se desmobilizou um pouco, e a força do movimento foi transferida para Xapuri. Em 1983, o Chico saiu da Câmara Municipal, onde era vereador, eleito pelo antigo MDB, desde 1977, disputou, ganhou e ficou na presidência do Sindicato até o dia em que foi assassinado.

No Sindicato, Chico continuou a defender o que ele defendia na Câmara e, ao mesmo tempo, começou a discutir a importância de ter cooperativas para que os trabalhadores pudessem vender a produção de forma organizada e fugir dos marreteiros ou dos patrões. Em 1980, mais de 98% dos seringueiros eram analfabetos; além disso, tinha aquela desconfiança que ainda estava lá no fundo – os poucos que sabiam ler e escrever, os outros achavam que podiam estar fazendo as contas erradas.

As escolas surgiram como uma forma de respaldar a proposta das cooperativas, que ainda não tinham sido internalizadas pelos seringueiros. Para entender por que, fizemos um diagnóstico de campo – escolhemos três seringais com e três seringais sem experiência de cooperativismo. O diagnóstico ficou tão complexo que nunca conseguimos tabular. Mas eu, que nunca tinha entrado num seringal, saí convencido de que não era a ideia, e sim a metodologia que estava errada. Falei isso pro Chico.

RESERVAS EXTRATIVISTAS

Em 1985, aconteceu em Brasília o I Encontro Nacional dos Seringueiros, onde se criou o Conselho Nacional dos Seringueiros e foi lançada a proposta das Reservas Extrativistas, um achado.

Para os ambientalistas que defendiam a preservação da floresta só com discurso, sem ter projeto, enquanto o governo fazia o "desenvolvimento" da Amazônia com discurso, projeto e dinheiro para financiar a devastação, através do Banco da Amazônia (BASA), agora havia uma bandeira, um modelo de desenvolvimento sustentável, as reservas extrativistas dos seringueiros para defender.

A partir do Encontro de Brasília, a Amazônia passou a ter dois projetos distintos: um do governo, da pecuária; outro dos povos da floresta, com apoio dos ambientalistas. Os seringueiros dizendo: *"Queremos as nossas áreas, como as dos índios, com a terra sendo da União, e a gente tendo o direito do usufruto sem ser para destruir."*

Alguém disse: *"Vocês não são índios, são extrativistas"*. Então ali mesmo no encontro surgiu a reserva extrativista como a expressão da proposta que partiu dos seringueiros.

O Chico não era dirigente do CNS, mas sua liderança no movimento era incontestável. Como estava em campanha para prefeito, o Chico foi a Brasília, abriu o Encontro, voltou pra Xapuri, fez campanha, e depois regressou a Brasília para encerrar o Encontro. Foi ele quem apresentou a proposta das reservas extrativistas, onde o seringueiro pudesse melhorar a qualidade de vida e permanecer na floresta.

E o Chico, que não era bom de discurso, mas era fantástico de conversa, passou a ser o porta-voz dessa proposta que ganhou a simpatia do mundo. Ele explicava e todo mundo entendia; ele cativava, puxava as pessoas. Ele sempre buscava diferentes aliados, dos ambientalistas do PV (Partido Verde) aos militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), seu próprio partido; ele juntava todo mundo, independente das tendências políticas.

O Chico sempre soube usar a mídia, sempre teve informações. Ele escrevia um bocado, e bem. O que ele escrevia era simples e direto, era muito legal. Podia ter erros de concordância, de um cara que teve pouca escolaridade, mas as ideias eram fantásticas.

O Chico ia andando mais pra fora e eu ia andando mais pra dentro do seringal, levando as notícias que ele mandava – cartas, bilhetes, informações. Às vezes ele me ligava e dizia: *"Guma, estamos conseguindo isso, aquilo, você vai a tal lugar, fala para os companheiros que estamos avançando nisso"*. Eu ia discutindo a criação das cooperativas com o respaldo do Sindicato. Nós passamos um ano conversando, trocando ideias e, em junho de 1988, fizemos a Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX), que funciona até hoje.

O fantástico disso tudo foi o que aprendi com os seringueiros, com os trabalhadores rurais de Xapuri. O Raimundão (Raimundo Mendes Barros), o que Chico Mendes me ensinou... Só

sinto o pouco tempo que tive para aprender com o Chico, porque enquanto eu via dois metros à minha frente, o Chico via 200 na frente dele. O Chico sempre estava muito à frente de todos nós. De uma forma simples, ele via o horizonte com muita clareza, sempre. Era ele quem dizia: *"Agora é hora de negociar, agora é hora de ser duro"*.

Em 1988, o coronel Castelo Branco, secretário de Segurança Pública do Acre, chegou a Xapuri, ligou para o Sindicato e pediu para o Chico ir à delegacia. O Chico foi e, quando abriram a porta, o secretário estava conversando com o Darly Alves. Ao ver o Chico, ele disse: *"Entra! Estou chamando vocês para darem as mãos e ficarem amigos"*. O Chico disse: *"Não! Esse homem não é meu amigo. Quando o senhor quiser conversar comigo, eu converso com o senhor, mas não tenho nada para conversar com esse moço, não"*.

Depois o Chico escreveu no Ventania, o nosso jornalzinho: *"Propuseram ao Chico Mendes que pusesse a mão de amigo a Darly. É a mesma coisa que colocar o cordeiro na jaula do leão, com a combinação de que o leão não vai comer o cordeiro"*. Ao publicar aquela notinha, Chico mostrou a clareza que tinha disso.

CHICO MENDES POR CHICO MENDES

Muitas foram as entrevistas concedidas por Chico Mendes a jornalistas nacionais e internacionais, ambientalistas, professores universitários, mestrandos, doutorandos. Há muita coisa registrada que Chico Mendes falou.

Em dezembro de 1987, eu também realizei uma entrevista com Chico Mendes que nunca foi publicada. Agora, repassando as respostas do Chico 31 anos depois do seu assassinato, vejo o quanto elas nos ajudam a compreender o pensamento desse ser humano fantástico, capaz de doar a própria vida em defesa da Amazônia e dos povos que nela e dela vivem.

Compartilho este excerto da minha entrevista, onde Chico Mendes fala sobre ele mesmo:

Guma – Como é a vida de Chico Mendes, a vida do homem comum? Como é que esse cara vive?

Chico Mendes – Bom, é uma pergunta muito boa essa, inclusive eu faço questão de me aprofundar nessa resposta. O problema é o seguinte: Eu, quando assumi o movimento sindical no Acre, a partir de 1974, no final daquele ano, 1975, que começou a surgir o primeiro movimento sindical e foi exatamente naquele momento em que se dava o maior confronto, acontecia o maior ataque do latifúndio.

Com a chegada do latifúndio aqui no Acre, os companheiros seringueiros estavam sendo expulsos sem direito de defesa; viam seus barracos queimados; saíam de suas posses forçados por pistoleiros; eram, muitas vezes, forçados a assinar documentos sob a ameaça do punho de armas do latifúndio. Foi a partir daí que eu fiz essa opção de entrar no movimento sindical, exatamente para levantar essa bandeira de luta em defesa dos seringueiros, em defesa dos posseiros.

E, quando eu entrei nesse movimento, eu já tava consciente de que eu tinha que renunciar a qualquer interesse pessoal meu, a qualquer interesse financeiro, e de que eu ia assumir naquele momento uma luta dura, uma luta do tostão contra o milhão, uma luta do pequeno contra o grande, uma luta do seringueiro contra o grande latifúndio, e eu tinha que ter posição séria e estar coerente com a minha posição de lutar em defesa dos trabalhadores.

No decorrer desse período todo que eu venho lutando, 77, 78, 79 até hoje, 87, a minha luta não mudou. Tem sido uma luta junto com outros companheiros de resistência... De modo que muitos companheiros que começaram junto comigo na década de 70 desistiram porque não resistiram, não conseguiram amadurecer politicamente na questão do idealismo, de modo que esses companheiros, quando viram seus interesses, sua situação financeira cair, eles não tiveram como resistir e caíram fora.

Alguns, infelizmente, chegaram até a se vender e hoje vivem sua vida particular, financeira, vida boa, e há aqueles companheiros que resistiram. Inclusive, eu me orgulho de estar incluído entre os companheiros que assumiram esse ideal de lutar, e até hoje não tenho casa para morar. A família vive em casas alheias, na casa dos pais, graças ao apoio que ainda recebo dos próprios parentes da minha família que a acolhem em casa, do contrário eu não sei como seria, mas o importante é esse ideal que a gente leva, enfrentando as duras consequências.

Infelizmente ainda hoje tem trabalhador que acha que eu uso o dinheiro do Sindicato até, mas uma coisa que eu me orgulho é que qualquer companheiro, trabalhador, seringueiro, ou mesmo aqueles que vierem ao Sindicato, que está aberto, para ver se existe algum documento que prove que Chico Mendes tem salário do Sindicato, ou que qualquer companheiro que trabalha no Sindicato ganha salário.

Não recebemos, eu pelo menos, pra resistir ainda consigo algumas ajudas de companheiros que admiram a nossa luta e, com isso, eu vou vivendo, mantendo-me nesse ideal que a gente tem e que hei de levá-lo, esse capricho, essa opinião, esse idealismo, até enquanto puder resistir.

Foto: divugação

Esse é o compromisso que a gente assume com o movimento, a luta dos trabalhadores, porque, se você for pensar na sua questão particular, na questão financeira, no seu interesse pessoal, você não vai conseguir manter esse idealismo nem lutar pelos trabalhadores.

CHICO MENDES VIVE

A morte do Chico foi um erro de avaliação dos fazendeiros. Os caras acharam que ia acontecer em Xapuri o mesmo que aconteceu em Brasileia, quando mataram o Wilson Pinheiro. Só que o próprio Chico Mendes já tinha dito várias vezes: *"Se eu morrer, nós temos que mostrar que vai ter mais 300 Chico Mendes"*.

Todos nós assumimos o compromisso de continuar o trabalho dele. Nós decidimos que não ia ter mais uma liderança para ser forte e dividimos o trabalho com todo mundo. Ficou todo mundo sobrecarregado, foi difícil no começo, mas não caiu o Movimento.

Quanto ao Chico, o único erro de avaliação dele foi quando, em sua última entrevista, ele disse que se a morte dele pudesse ajudar a salvar a Amazônia, ele morreria de bom grado, mas que enterro não ia salvar a floresta.

Infelizmente ele teve que morrer para que a gente ainda tenha a Amazônia, mesmo estando ela tão ameaçada; se hoje ainda temos a Amazônia em pé, isso se deve à repercussão que a morte dele trouxe. O Chico virou um mártir da Amazônia, e essa é a grande lição: aqueles que atiraram no Chico Mendes erraram o alvo, porque o Chico nunca vai morrer.

O Chico está vivo porque nós continuamos trabalhando com o mesmo ideal dele, erramos no meio do caminho, tropeçamos muitas vezes, mas seguimos trabalhando. A gente trocaria tudo o que conquistou para ter o Chico aqui hoje, porque com ele entre nós nossa organização estaria mais forte, mais coordenada e com muito mais aliados.

Porque nenhum de nós, nem juntando todo mundo, consegue fazer o que o Chico fazia. Mas nós nos transformamos nos 300 Chico Mendes que ele pediu e conseguimos fazer com que o Movimento não caísse.

Foto: divulgação

"SABIA QUE CHEGARIA, A MORTE SEM AVISAR"

Uma canção nicaraguense, que Chico Mendes conhecia, pois foi um dos admiradores da revolução sandinista, diz em um de seus versos, ao relatar a morte de um de seus dirigentes: "... sabia que chegaria, a morte sem avisar..."

Com Chico Mendes não seria diferente. Desde 1977 ele vinha recebendo constantes ameaças de morte que partiam dos fazendeiros, principais prejudicados pelo trabalho de organização dos seringueiros na região de Brasileia e Xapuri, que tinha por base a realização dos empates contra as derrubadas.

Em 21 de julho de 1980, pistoleiros a soldo assassinaram o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, Wilson Pinheiro, a primeira grande liderança sindical da região, com quem Chico Mendes trabalhava desde 1975. De acordo com o que se conseguiu de informações posteriores, nesse mesmo dia deveria ser morto Chico Mendes, que não foi encontrado pelos pistoleiros.

Após o enterro de Wilson Pinheiro e, principalmente depois da morte do testa-de-ferro dos fazendeiros na região, Nilão, Chico teve que passar cerca de dois meses vivendo na semiclandestinidade, dormindo cada dia num lugar diferente, sendo permanentemente seguido por pistoleiros que aguardavam uma chance para matá-lo.

Foram dias muito tensos, segundo relato do próprio Chico.

Todos os anos, as ameaças se repetiam, principalmente na época das derrubadas, em função da resistência organizada dos trabalhadores.

Até sua morte, segundo o que o próprio Chico Mendes sabia, ele esteve muito próximo de ser assassinado por seis vezes, conseguindo escapar em algumas ocasiões por acaso, mudando trajetos de deslocamentos ou simplesmente adiando, por outros motivos, as viagens já marcadas. Outras vezes, avisado de que havia emboscada armada, Chico mudava a direção de seus deslocamentos.

Em um registro feito numa agenda de 1987, Chico Mendes anotou no quadro do dia 10 de agosto: *"2 horas da madrugada, ameaças, tentativa pelo girau da cosinha do Sindicato"*.

Naquela madrugada em que, por sorte, Chico não estava sozinho na sede do STR, em Xapuri, alguém tentou invadir a sede da entidade pulando pela janela do "jirau" (local onde se lavam utensílios de cozinha), somente não conseguindo porque a madeira do jirau, apodrecida, cedeu sob o peso do pistoleiro, que fugiu deixando as marcas de seus pés na lama existente embaixo do local.

Poucas semanas antes de ser assassinado, Chico Mendes deixou um bilhete para uma amiga na sede do Centro dos Trabalhadores da Amazônia – CTA, em Rio Branco, dizendo que fora seguido o dia todo por pistoleiros.

Chico Mendes sabia que estava marcado para morrer e denunciou tal situação durante todo o ano de 1988, tendo sido enviadas não poucas correspondências a autoridades, tanto em nível do estado do Acre como em nível federal sobre essa situação. A imprensa e os políticos acreanos encaravam tais registros como sendo de alguém que denunciava as ameaças apenas para ficar em evidência na mídia.

Sabendo que não tinha muito tempo de vida, a cada vez que proferia uma palestra, durante o ano de 1988, ao viajar de volta para o Acre, sempre se despedia dos amigos como se fosse a última vez que os veria. Isso ficou muito patente nas palestras proferidas em Piracicaba – SP (07 de dezembro) e Rio de Janeiro (09 de dezembro), quando, ao ressaltar que estava ameaçado de morte, frisou que talvez estivesse voltando para sua terra para ser morto.

Como diz a música em homenagem ao revolucionário Comandante Padre Gaspar, o padre sandinista: "Sabia que chegaria, a morte sem avisar, porém, a morte se enfrenta quando há um povo por trás...".

Gomercindo Rodrigues, o Guma – Advogado. Assessor e amigo de Chico Mendes à época do assassinato, em 22 de dezembro de 1988. Excertos de textos publicados no livro "Caminhando na Floresta (Editoras UFAC-Xapuri, 2009, e depoimento colhido por Zezé Weiss para o livro "Vozes da Floresta" (Editora Xapuri, 2008

CERRADO: FAUNA E FLORA

Altair Sales Barbosa

Geograficamente, a região do Cerrado situa-se em um local estratégico entre os domínios brasileiros, o que facilita o intercâmbio florístico e faunístico.

É preciso compreender que a grande biodiversidade de fauna do Cerrado está vinculada à diversidade de ambientes. Essa correlação nos permite vislumbrar o ambiente na sua totalidade, o que facilita o estabelecimento adequado de políticas ambientais para a região.

Representado no centro do país, sua área estende-se do Mato Grosso do Sul ao Piauí, em seu eixo maior; e limita-se, para oeste, com a Floresta Amazônica, para o leste e nordeste, com a vegetação da Caatinga, sendo acompanhada ao sul e sudeste pela Floresta Atlântica, o que favorece o delineamento de corredores de migração importantes, tanto por via terrestre como aquática.

Porém, algumas espécies animais do Cerrado são limitadas a determinados tipos de *habitat*. Os espaços são bem definidos de acordo com a necessidade biológica de cada espécie. Esse condicionamento pode ser explicado pelo determinismo ambiental, imposto pela natureza através de recursos alimentícios, que condicionaram os animais especialistas a viverem em determinadas áreas em função do hábito alimentar. Um exemplo é o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), que se alimenta basicamente de cupins terrestres e formigas, abundantes em campos abertos.

A maturação dos frutos e a rebrota das gramíneas, fonte principal de alimento de um grande contingente de fauna, não ocorrem de forma homogênea em todas as áreas de Cerrado. A grande frutificação acontece durante os meses de novembro, dezembro e janeiro, época que coincide com o auge da estação chuvosa.

A concentração desses recursos diminui na época da seca, acompanhando o fim do período chuvoso. Entretanto, com exceção dos meses de maio e junho, considerados críticos no que se refere à oferta de alimentos, os demais meses que correspondem à época seca, mesmo em menor quantidade, apresentam alguns recursos, entre eles flores, raízes, resinas e alguns frutos.

Os mamíferos do Cerrado podem ser observados durante todo o ano, principalmente os que vivem em áreas abertas. Porém, a maior concentração dessas espécies em seus nichos alimentares se dá nos meses de setembro, outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Essa época coincide com a rebrota das gramíneas, que geralmente durante a estação seca, por ação natural ou antrópica, sofrem a ação do fogo, o que coincide também com a maturação dos frutos. Nesse mesmo período, acontece a revoada de insetos (mariposas e tanajuras), o que torna fartos os recursos para os mamíferos insetívoros.

Grande parte desses animais se acasala durante os meses correspondentes à estação seca. Isso significa que no período chuvoso vão estar com filhotes. Essa dinâmica da natureza revela a estreita relação entre a flora e a fauna do Cerrado. Infelizmente, a cada ano que passa aumenta a lista dos animais ameaçados de extinção total.

O fator biodiversidade animal está diretamente relacionado à diversidade de ambientes. Estes, por sua vez, relacionam-se à variedade de espécies vegetais que se multiplicam sob a influência de fatores litológicos, edáficos e climáticos, de ordem regional e local. Infelizmente, a falta de uma política séria para o meio ambiente tem colocado em risco todo o patrimônio natural dessa região, marcada por processos intensos de ocupação desordenada dos espaços.

A política desenvolvimentista aplicada no Brasil, principalmente no Cerrado, que é considerado a última grande fronteira para a produção de grãos, tem levado muitas espécies da fauna à extinção.

Os animais modernos estão se extinguindo ou em vias de extinção, dentro de uma dinâmica proporcionada pela ação humana. Muitas dessas espécies não alcançaram nem alcançarão o seu clímax evolutivo, pois a velocidade dos processos de degradação supera em milhares de anos os fenômenos naturais.

Há entre as espécies vegetais uma grande variedade de frutas comestíveis, que foram enormemente apreciadas por populações indígenas e até hoje integram a dieta dos homens e mulheres que vivem no bioma.

Além do consumo natural, grande parte das espécies frutíferas constitui matéria prima para diversas fábricas de alimentos, desde sorvetes, picolés, doces, bolachas, salgados e culinária em geral.

Altair Sales Barbosa
Pesquisador do CNPq. Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Pesquisador da UNIEVANGÉLICA, Anápolis. Presidente do IAS.

ORA-PRO-NÓBIS: BIFE DE POBRE

Eduardo Pereira

Ora-pro-nóbis é um desses cipós rústicos e espinhentos que toda criança de roça conhece. Abusado, sobe pelas cercas, se gruda nas árvores, cobre muros e se aventura pelos telhados de todo o continente americano, do sul dos Estados Unidos até a Argentina.

No Brasil, a *Pereskia aculeata*, cactácea trepadeira conhecida como ora-pro-nóbis (do latim *ora pro nobis*: "ora por nós"), orabrobó, lobrobó ou lobrobô, ocorre em abundância desde o Maranhão até o Rio de Janeiro, especialmente nas regiões de clima mais seco.

Diz a lenda que essa PANC (planta alimentícia não convencional) passou a ser chamada de ora-pro-nóbis em Minas Gerais, onde um padre costumava rezar ladainha em latim, repetindo o refrão *ora pro nobis*, a cada santo citado, enquanto colhia as folhas da planta no quintal. Daí, os vizinhos, e logo mais e mais pessoas, deram nome à trepadeira comestível com a fala do padre.

Talvez seja por essa razão que o uso do ora-pro-nóbis como alimento seja mais frequente em terras mineiras, onde da planta tudo se usa: folhas, flores e frutos (pequenas bagas amarelas), em receitas variadas, que incluem saladas, sucos e refogados, e das quais a mais conhecida é a do famoso frango caipira com ora-pro-nóbis.

Super rica em proteínas, lipídio, cálcio, fósforo, ferro, vitamina C e fibras, em várias regiões do sertão brasileiro a *Pereskia aculeata* é conhecida como bife ou carne dos pobres. Em Minas Gerais, há tempos se usa o ora-pro-nóbis cozido no feijão, preferencialmente em panela de ferro, para tratar as anemias.

Por essa razão, nutricionistas defendem o uso da planta como um excelente complemento alimentar para a alimentação orgânica porque, além de seus valores nutricionais e proteicos, ela sobrevive tanto no sol como na sombra, e, principalmente, cresce por conta própria, com pouca exigência de água.

Eduardo Pereira
Sociólogo.
@weiss_guru

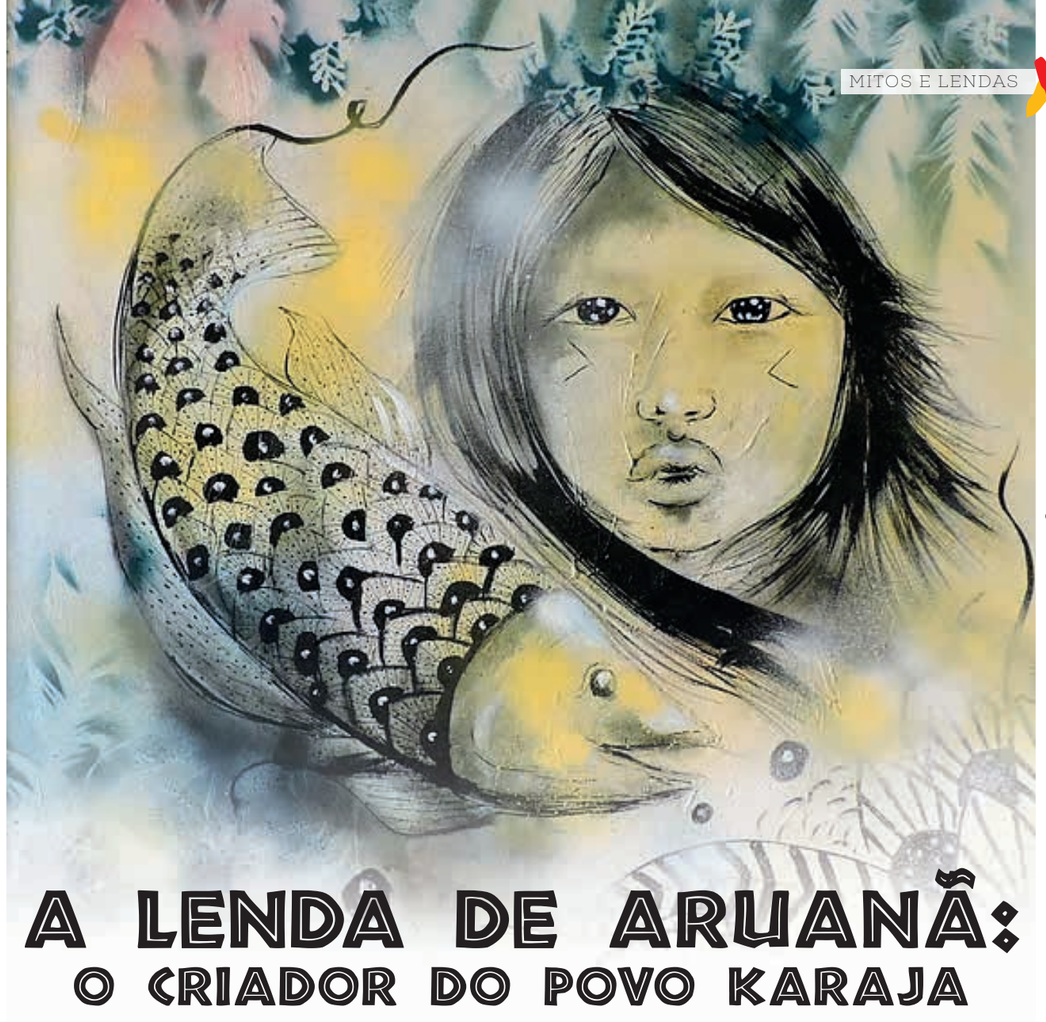


Ilustração: divugação/moarabrasil

A LENDA DE ARUANÃ: O CRIADOR DO POVO KARAJA

Diz a lenda que em tempos muito antigos existia um peixe triste que vivia nas profundezas do Rio Araguaia. Aruanã não gostava de ser peixe, o sonho dele era se transformar em ser humano e viver fora das águas.

Naquela época, os seres aquáticos do Araguaia sempre realizavam a linda festa do Boto, o senhor das águas, com a participação da Iara, de sua irmã Jururá-Açú e de todos os entes do rio. Aruanã era o único que não se sentia feliz.

Um dia, Aruanã saiu da festa do Boto e foi nadando para cada vez mais longe do fundo do rio. Atraído pela luz do sol, o peixe infeliz se aproximou da superfície e, quase sem conseguir respirar, fez um pedido desesperado ao deus do Universo: "Tupã, senhor da vida e da natureza, por tudo o que é mais sagrado, me tira das águas onde nasci e me deixa viver como humano!".

Ante a súplica profunda de Aruanã, Tupã se compadeceu do seu destino e o transformou em um guerreiro forte e belo. Recebido na Terra pelas Parajás, entidades da justiça das matas, com elas formou família, e assim nasceu o povo Karajá, que hoje vive às margens do Araguaia.

É por essa razão que, todos os anos, em noites de lua cheia, os indígenas fazem o belo ritual de Aruanã, com cantos e danças, para celebrar o criador da nação Karajá.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

ESCÁRNIO E RACISMO NA FUNDAÇÃO PALMARES

Iêda Leal

Criada pela Lei Federal nº 7.668, de 22 de agosto de 1988, a Fundação Palmares tem como missão, conforme estabelecido no artigo 1º de seu Estatuto, *"promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira"*.

Sérgio Nascimento de Camargo é contra o Dia da Consciência Negra, ataca Marielle Franco, Thaís Araujo, Gilberto Gil, Martinho da Vila e Angela Davis. Nomeado para um cargo comissionado por um governo que se elegeu sob uma plataforma racista.

Ao defender como legítimo o doloroso processo da escravidão brasileira, o novo presidente da Fundação Palmares macula a memória de Zumbi dos Palmares e de toda a comunidade negra do Brasil.

O Movimento Negro Unificado (MNU), entidade que combate o vergonhoso racismo que existe no Brasil, repudia as declarações de Sérgio Nascimento de Camargo. Seu comportamento abominável afronta o objetivo da Fundação que ele aceitou dirigir.

Num país onde 55,8% da população é negra, em grande parte periférica e em sua maioria historicamente excluída e subalternizada, eis que o órgão que deveria cuidar e defender a cultura afrodescendente tem agora à frente um dirigente que discrimina as manifestações negras. Mais que um desmonte do Estado brasileiro, o que estamos assistindo é um escárnio.

Exigimos ética e respeito para com a população negra brasileira e a imediata renúncia ou exoneração do presidente da Fundação Cultural Palmares. E caso não sejamos atendidos, ingressaremos com um pedido de Ação Civil Pública nos órgãos competentes, para que Sérgio Nascimento de Camargo seja enquadrado nos termos da improbidade administrativa, devido aos seus atos racistas.

Foto: divugação

Iêda Leal –
Coordenadora Nacional
do Movimento Negro Unificado
–MNU

Fotos: divulgação

OS LIVROS DE ÁLVARO

Emir Sader

Eu conheci Álvaro em um seminário no México e imediatamente estabeleci uma empatia que só cresceu ao longo dos anos. Quando organizei a Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe, solicitei a ele o verbete da Bolívia. Ele enviou um texto formidável. (Estou atualizando a Enciclopédia, vou pedir para ele atualizá-lo.) Lembro que, com o pagamento recebido, Alvaro comprou seu primeiro computador.

Sempre mantivemos contato, eu o segui quando Evo o convidou para ser seu vice-presidente. Estive na primeira campanha eleitoral, em 2005, viajei pela Bolívia com ele. Lembro que no sábado anterior às eleições fomos a Santa Cruz de la Sierra. Já no aeroporto, ele foi abordado por empresários, com a certeza de que ele se tornaria vice-presidente.

No caminho de volta, não havia voos comerciais, porque não havia transporte público entre as cidades no dia da votação. Um empresário brasileiro emprestou seu avião, um produtor de soja. Álvaro aceitou, mas desde que o mesmo empresário viajasse conosco, para evitar qualquer armadilha.

Estávamos juntos no dia das eleições, após a contagem dos votos. Lembro-me de Álvaro ligando para Evo, tentando convencê-lo a ir a La Paz para fazer uma declaração de presidente eleito. Evo queria estar com seu povo em Cochabamba, mas concordou em ir, fez uma declaração e voltou para seu povo e seu mundo.

Lembro que saímos com Álvaro para El Alto, as pessoas queriam ouvi-lo, Álvaro dirigia, feliz, a mais de 100 quilômetros por hora. Ele foi recebido como um grande líder e discursou para o povo de El Alto.

Voltei para a posse de Evo e Álvaro. De manhã tomamos café no apartamento de Álvaro. Em sua declaração de bens para assumir como vice-presidente, Álvaro declarou seus 10 mil livros e seu salário como professor na Universidade. Eram todos os bens que ele possuía. Evo chegou com pão, depois fomos para Tihuanaku, a cidade indígena mais antiga da Bolívia, onde Evo tomaria posse, antes de sua posse formal em La Paz.

Saímos em uma van, Evo de jeans. Mas assim que o povo que ia caminhando para a cerimônia descobriu que Evo ia no carro, o parava a cada momento, e ele saía para abraçar e conversar com as pessoas. Quando chegamos ao fim, Evo nos deixou e foi se encontrar com as autoridades indígenas. Lembro que me sentei na primeira fila do grande espaço aberto, com Eduardo Galeano. De repente, Evo apareceu em um grande arco, vestido com os trajes dos povos indígenas, como um Deus.

As mulheres indígenas limpavam a Praça do Palácio Queimado para receber seu líder. Evo e Álvaro finalmente tomaram posse e iniciaram os governos mais importantes da história da Bolívia. Eu estive indo à Bolívia regularmente durante muitos anos. Prometi a Evo, em uma das viagens, que o levaria a um jogo de futebol no Maracanã, mas ainda não pude cumprir, mas cumprirei com certeza.

Sempre que encontrava Alvaro em Buenos Aires, fazíamos um périplo pelas livrarias, com o carro oficial de Alvaro, operações devastadoras pela quantidade de livros que ele comprava. Sempre lembro o itinerário da livraria. E os livreiros continuaram a me identificar como amigo de Alvaro. Concluída a operação de compra no último momento, com o carro cheio, superpesado, eu o acompanhava, até o aeroporto militar, onde ele partia com o avião para La Paz.

Quando eu ia vê-lo na Bolívia, sempre levava livros para ele, é claro. Quando se casou, Álvaro deixou seu modesto e pequeno apartamento, onde os livros cabiam com grande dificuldade, e se mudou para uma casa maior, onde foi capaz de abrigar todos os seus livros, sua biblioteca em constante e imparável crescimento.

Álvaro é o mais importante e o melhor intelectual latino-americano contemporâneo. Me acompanhou, por sua vez, em meu mandato como Secretário Executivo de Clacso. Tenho orgulho de ter tido o processo boliviano como o processo político mais importante em todo meu mandato. Publicamos em Clacso – e também no Brasil – muitos livros de Alvaro.

A dupla Evo-Álvaro foi uma combinação perfeita. O artigo de Álvaro sobre indigenismo e marxismo é uma obra prima, uma brilhante atualização do trabalho de Mariátegui, um trabalho teórico de limpeza de campo, indispensável para o surgimento de Evo como líder e o entendimento dos fenômenos bolivianos.

Nós sempre conversamos por telefone, especialmente no auge da luta na Bolívia. Eu o trouxe para o Brasil para o lançamento de seu livro A Potência Plebeia, ele deu uma palestra na UERJ, e eu pude lhe mostrar um pouco do Rio de Janeiro.

Os últimos tempos, aqui e ali, foram turbulentos. Eu o seguia com ansiedade, buscando notícias diretamente ou através de seu fiel chefe de gabinete, Hector. Enviava notícias do Brasil e pedia notícias de lá, até que os eventos se precipitaram de maneira infernal no processo boliviano, levando à renúncia do Evo e do Álvaro, para evitar um massacre.

Vejo a foto de Evo e Álvaro saindo para o México e, ao mesmo tempo, a notícia de que eles não só saquearam a casa de Evo, mas também a de Álvaro, e queimaram seus 30 mil livros. Imagino, além de toda a dor por tudo o que acontece na Bolívia, aquela dor a mais de Álvaro.

Mas não se preocupe, Álvaro. Nós vamos reconstruir sua biblioteca, livro por livro, no México, na Argentina, no Brasil, na França, em qualquer lugar. Assim como a Bolívia recuperará sua democracia, seu regime plurinacional, o poder do povo. Evo e você voltarão nos braços do povo, como Lula recuperou sua liberdade nos braços do povo.

Emir Sader
Sociólogo, um dos principais sociólogos e cientistas políticos brasileiros.

Fotos: Acervo Rede Cerrado

REDE CERRADO:

27 ANOS DE ARTICULAÇÃO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Thays Puzzi

Constituída na década de 1990 durante a ECO-92 por um conjunto de entidades que, naquele momento, viram na articulação em rede uma estratégia de luta e resistência, a Rede Cerrado, ao longo de mais de 25 anos de história, tornou-se referência na área socioambiental e no apoio à construção de políticas públicas que visam conservar o Cerrado e garantir direitos aos povos e às comunidades tradicionais que habitam o Bioma.

Nos últimos dois anos (2018-2019), em especial, a Rede Cerrado, por meio do apoio do Fundo de Parcerias para Ecossistemas Críticos (CEPF, da sigla em inglês para *Critical Ecosystem Partnership Fund*) e do DGM/Brasil, conseguiu multiplicar ações de fortalecimento e integração entre as mais de 50 organizações associadas.

A Rede Cerrado atuou junto a essas organizações para apoiar, por exemplo, o Ministério Público Federal na construção de plataforma de Territórios Tradicionais, realizou uma série de encontros e seminários sobre territórios com representantes de povos e comunidades tradicionais, realizou a nona edição do Encontro e Feira dos Povos do Cerrado e está em fase final de apoio na construção de um aplicativo, desenvolvido pelo IPAM, para mapeamento de Territórios Tradicionais.

"Foram muitas ações realizadas com o apoio do CEPF e das entidades associadas", destacou Rodrigo Noleto, coordenador do programa Amazônia, do Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN). Para ele, é importante manter a Rede Cerrado viva, pois muitas vezes ela é a voz de socorro, de apoio e de articulação de povos e comunidades tradicionais. "Espero que a Rede Cerrado possa sair fortalecida e mantenha as condições de articulação tão necessárias para esse período em que vivemos", observou.

O sentimento é compartilhado pelo geraizeiro Samuel Caetano, do Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas Gerais (CAA-NM). Para ele, a Rede Cerrado é uma parceira estratégica para as organizações que prezam pelo desenvolvimento sustentável e por uma relação mais harmoniosa com o meio ambiente. "A Rede Cerrado se consolidou como um espaço político para essas organizações, pois proporciona a unificação das lutas com um debate mais qualificado e estratégico. É onde nós, povos e comunidades tradicionais do Cerrado, trocamos experiências, pensamos e formulamos políticas públicas que defendam o Cerrado e seus povos", ressaltou.

Já para Maria do Socorro Teixeira Lima, quebradeira de coco babaçu e coordenadora-geral da Rede Cerrado, os últimos dois anos foram essenciais para o fortalecimento da instituição. Para ela, agora, é preciso ampliar o trabalho junto às comunidades de base. "Por isso a continuidade da Rede Cerrado é tão importante. Nós a resgatamos, a reestruturamos. Deixo esse recado para os nossos parceiros".

Rose Mary Araújo, da Mulheres em Ação do Pantanal (Mupan), considera essencial o apoio dado à Rede Cerrado. "Não existem paisagens sem pessoas, e a Rede Cerrado precisa muito desse apoio, principalmente agora que estamos restabelecidos. No campo político, não existe outra organização como a Rede Cerrado", destacou.

César Victor do Espírito Santo, da Fundação Pró-Natureza (Funatura), disse que o CEPF veio suprir uma lacuna no Cerrado, já que este, historicamente, é um Bioma que recebe poucos recursos para projetos de conservação. "O fortalecimento da Rede Cerrado é muito importante para fazer com que as pautas do Cerrado sejam levadas adiante. Não somente dos povos e comunidades tradicionais, mas também as relacionadas à conservação da biodiversidade", completou.

O objetivo principal do projeto apoiado pelo CEPF foi fortalecer institucionalmente a Rede Cerrado, além de ampliar sua incidência. A principal ação foi a realização do IX Encontro e Feira dos Povos do Cerrado, que reuniu na capital federal, Brasília, mais de 500 representantes de povos e comunidades tradicionais de todo o Cerrado e cerca de sete mil pessoas da sociedade em geral.

Além de trocarem experiências entre si e debaterem estratégias para a manutenção do Cerrado em pé, eles puderam expor produtos da sociobiodiversidade e mostrar um pouco da diversidade cultural e gastronômica para cerca de sete mil pessoas que prestigiaram o evento.

Outro projeto que permitiu a ampliação das ações da Rede Cerrado foi o Programa DGM/FIP (*Dedicated Grant Mechanism for Indigenous People and Local Communities* – Fundo de Investimento Florestal), do Banco Mundial.

Para Kátia Favilla, secretária-executiva da Rede Cerrado, esses últimos dois anos foram essenciais para reforçar os processos de articulação e animação da Rede Cerrado.

"Para os próximos anos, o maior desafio será a atuação em conjunto das organizações em um cenário com poucos recursos financeiros e desmonte de políticas públicas ambientais e de garantia de direitos dos povos e comunidades tradicionais. Somente com a união das entidades e o fortalecimento das comunidades em suas localidades, além de um forte trabalho de base, poderemos garantir a existência do Cerrado e dos seus povos", afirmou Favilla.

Para saber mais, acesse: www.redecerrado.org.br.

Thays Puzzi - Assessoria de Comunicação
Rede Cerrado

O MUSEU DAS MISSÕES

O Museu das Missões fica localizado dentro do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões (RS), a mais preservada missão jesuítica do Brasil. As ruínas do povoado, fundado no século XVII, foram reconhecidas como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, em dezembro de 1983.

Criado em 8 de março de 1940 pelo presidente Getúlio Vargas, o Museu das Missões tem por finalidade "reunir e conservar as obras de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões Orientais, fundados pela Companhia de Jesus naquela região do país".

Projetado pelo eminente arquiteto e urbanista Lucio Costa, o Museu das Missões foi, por muito tempo, o único museu dedicado especialmente ao tema "Missões", sendo que somente anos mais tarde seriam criadas instituições semelhantes na Argentina e no Paraguai.

ACERVO

Seu acervo museológico institucional é composto por uma rica coleção de esculturas missioneiras em madeira policromada dos séculos XVII e XVIII, sendo a maior coleção pública do Mercosul nesse gênero.

O Museu das Missões é composto por duas edificações: o Pavilhão Lúcio Costa, que abriga a exposição de longa duração do museu e a Casa do Zelador, que atualmente possui o Núcleo Expositivo Memória e História, além de abrigar a estrutura de gestão da unidade museológica.

A Casa do Zelador, portanto, passou a ter novas funções ao longo do tempo, pois o espaço foi planejado pelo arquiteto Lucio Costa como habitação para a família do primeiro zelador do museu, Sr. João Hugo Machado.

EXPERIÊNCIA GUARANI

Ao visitar o Museu das Missões, pode-se entrar em contato com os remanescentes históricos e arquitetônicos dos povoados missionais dos séculos XVII e XVIII, bem como com os descendentes dos índios Guarani. De terça-feira a domingo, grupos de índios da Aldeia Guarani Tekoá Koenju (Aldeia Alvorecer), do interior de São Miguel das Missões, RS, se reúnem sob o alpendre do museu para mostrar e vender o artesanato produzido por eles na própria aldeia.

A TAVA

Em 2014, foi registrado pelo Iphan como Patrimônio Cultural do Brasil a Tava, lugar de referência para a memória e a identidade do povo Guarani. Segundo registros e pesquisas sobre esse lugar sagrado, a Tava foi construída e habitada pelos ancestrais dos Guarani, a pedido da sua divindade, Nhanderu. No ano de 2018, a Tava também foi reconhecida oficialmente como Patrimônio Cultural do MERCOSUL.

Para os Guarani-Mbyá, a Tava é um local onde viveram seus antepassados, que construíram estruturas em pedra nas quais deixaram suas marcas, e parte de suas corporalidades, por conter os "corpos" dos ancestrais que se transformaram em imortais; ali são relembradas as 'belas palavras' do demiurgo Nhanderu. Nesses locais, é possível vivenciar o bom modo de ser Guarani-Mbyá, e esse modo de viver permite tornar-se imortal e alcançar *Yvy Mara Ey* (a Terra sem Mal).

Assim, ao contemplar as esculturas feitas pela mão do índio há séculos, ainda é possível ouvir o soar da flauta indígena por entre as colunas de pedra do museu.

COMO CHEGAR

A cidade fica próxima da fronteira com a Argentina – 174 km de distância para São Borja. Saindo de Porto Alegre, pegue a Rodovia BR-116 em direção a Canoas. Na Av. Getúlio Vargas, siga pelo acesso à BR-386 – estrada com pedágios – e vá até a cidade de Tio Hugo. Lá, faça o retorno no trevo e pegue a RS-223. Um pouco depois de Ibirubá, vire à esquerda na BR-377 e siga até Cruz Alta. Pegue a RS-342 e, depois, em Ijuí, saia pela BR-285 (à esquerda). Percorra a estrada até chegar ao acesso de São Miguel das Missões.

Fonte:
www.museudasmissoes.museus.gov.br/o-museu/

Fotos: divugação

Fotos: divulgação

TOCA DA ONÇA:

UMA MEMÓRIA DA FORMOSA DE ONTEM, CONTADA PELOS MOÇOS DE HOJE

Francisco Paulo Falbo Gontijo

A história de Formosa remete, ao contrário do que o senso comum possa fazer crer, a mais de 4.500 anos, pelo menos. Vestígios encontrados em sítios arqueológicos demonstram que havia no município, muito antes da chegada dos primeiros bandeirantes, civilizações indígenas habitando o Planalto Central do Brasil, a região em que foi instalada Brasília e, consequentemente, onde se encontra Formosa-GO.

Os vestígios arqueológicos mais importantes encontrados no Vale do Paranã são do período arcaico, no final do Paleoíndio, no qual populações utilizavam os abrigos naturais de maneira instável e tinham alimentação baseada na coleta. Na região do Paranã, a ocorrência do relevo cárstico (calcário), com suas grutas e lajedos, deve ter sido propícia a essas populações; existem alguns vestígios, como pegadas de animais e pinturas rupestres com motivos geométricos.

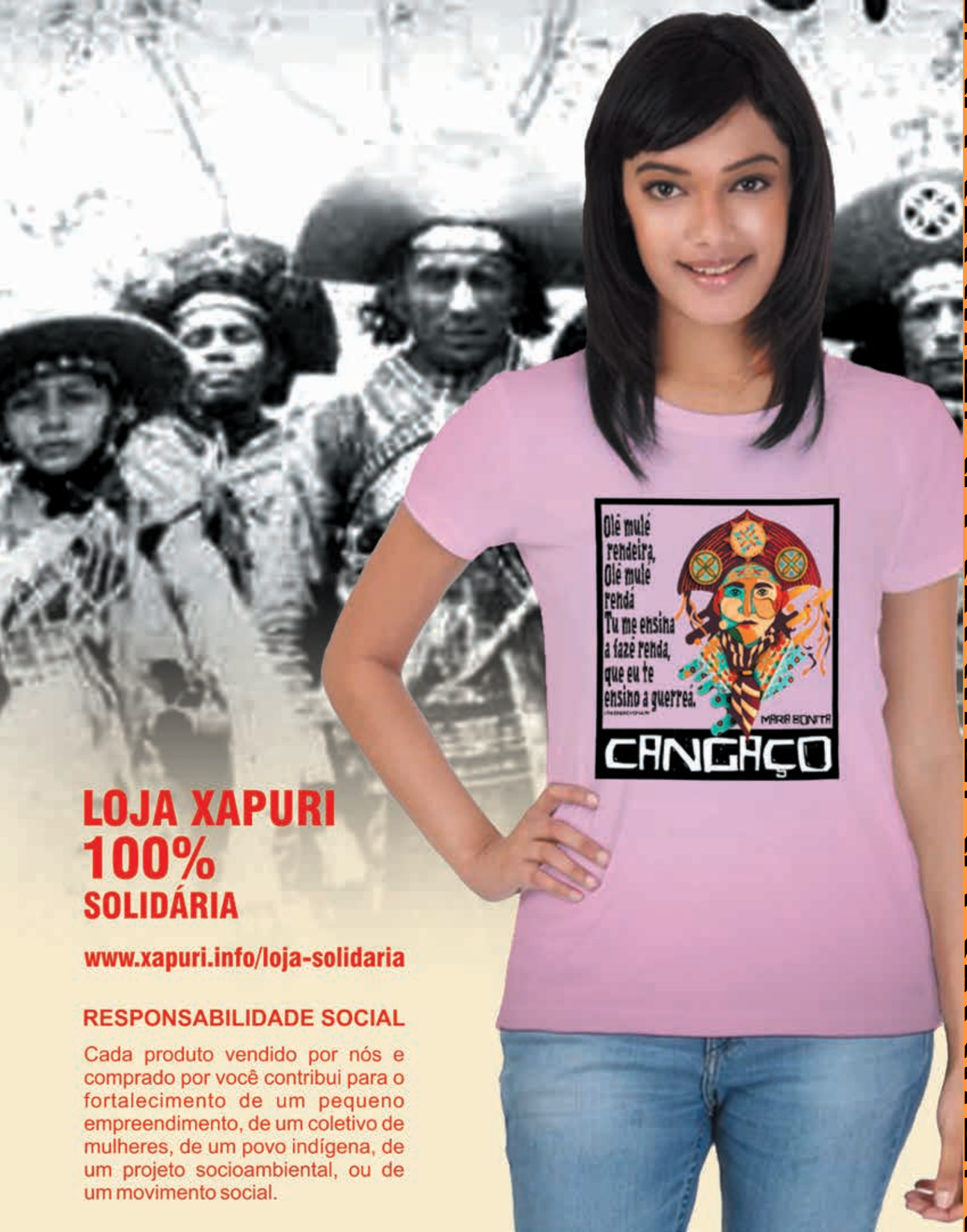
Há, nos limites do território do município, pelo menos dois importantes sítios arqueológicos que remontam a história do município à Pré-História: os sítios arqueológicos da Toca da Onça e do Bisnau.

Localizado a cerca de 8 quilômetros do perímetro urbano de Formosa, o Sítio Arqueológico Toca da Onça é, na verdade, um complexo composto de diversos sítios com inscrições rupestres em grutas e lapas que, apesar da imprecisão, datam de, pelo menos, 4.500 anos atrás, embora haja divergências. A região encontra-se no vão do Rio Paranã, um dos principais afluentes do Tocantins.

Gravadas nas rochas calcárias comuns na região, as pinturas estão presentes em numerosas lapas e tetos de grutas; vestígios daqueles que provavelmente foram os habitantes daquela região. Pintadas em tons de vermelho e preto, com material que não se pode afirmar com exatidão qual seja, as pinturas rupestres da Toca do Onça trazem figuras de animais, pegadas, cenas muito provavelmente do cotidiano daquele povo. Há, ainda, algumas pinturas de formas geométricas, às quais ainda não foi possível atribuir um significado ou motivo, mas que, de toda forma, demonstram uma coordenação motora e um conhecimento relativamente desenvolvidos daquela população.

Pode-se concluir, ainda que sempre provisoriamente, que um grupo ou grupos de caçadores e coletores viveram na região, tendo as cavernas como abrigo e a fauna e a flora do cerrado e do planalto como fonte de subsistência. Pesquisas alternativas não só apontam que há semelhanças entre as figuras encontradas na Toca da Onça com as encontradas na região de Sete Cidades, no Piauí, como com as encontradas em diversos outros sítios arqueológicos, numa clara sinalização de que esses povos não vieram de Formosa e nem aqui permaneceram.

Francisco Paulo Falbo Gontijo, conhecido por Paulinho MPB – Radialista. Professor de História no Distrito Federal e Mestre pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT. Sua Dissertação intitula-se: "Guia Didático da História de Formosa".



LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

PAÇOCA DE BANANA-DA-TERRA TUPINAMBÁ DE OLIVENÇA

Lúcia Resende

O povo Tupinambá de Olivença, reconhecido oficialmente como povo indígena pela Funai desde 2001, vive nas proximidades da cidade de Ilhéus, em uma região de Mata Atlântica que se estende da costa marítima da Vila de Olivença até a Serra das Trempes e a Serra do Padeiro, no sul da Bahia. Embora os Tupinambá de Olivença venham de um longo tempo de contato – a Vila hoje conhecida como Olivença é o local onde, em 1680, foi fundado por missionários de um aldeamento indígena – e se considerem um pouco "caboclos", os Tupinambá de Olivença são um povo orgulhoso de sua identidade indígena.

Organizado em pequenos grupos familiares, eles mantêm suas tradições culturais ancestrais, incluindo especialidades de sua culinária indígena, que incluem sua própria cachaça, a "giroba" e uma já famosa paçoca de banana-da-terra, que reproduzimos aqui:

INGREDIENTES:

- ✓ Banana-da-terra
- ✓ Coco ralado fresco
- ✓ Leite de coco fresco

MODO DE FAZER

Descasque e amasse uma boa porção de bananas-da-terra (não muito maduras). Aqueça a massa de banana em fogo baixo, mas sem cozinhar muito. Adicione o coco ralado, mexa bem e vá pingando, aos poucos, o leite do próprio coco. Quando a massa estiver consistente e dando liga, a "paçoca" está pronta. Se por acaso ficar muito massuda, é só acrescentar mais leite de coco. Sirva ao natural, em forminhas individuais.

MODO DE PREPARAR O LEITE DE COCO FRESCO

Bata a parte branca do coco seco com a mesma quantidade de água até alcançar a consistência de um leite branco. Coe em um coador comum. A água que sai é o leite de coco fresco. O que sobrar é o coco ralado, usado na paçoca de banana-da-terra do povo indígena Tupinambá de Olivença.

Fonte: culturaveg.com.br

Lúcia Resende
Professora
@mluciares

SINDICATO DOS BANCÁRIOS:

SEIS DÉCADAS DE TRABALHO EM DEFESA DA CATEGORIA, DA CLASSE TRABALHADORA E DA DEMOCRACIA

Erika Kokay - Gestão 1992/1998

Ao se aproximar de suas seis décadas de trabalho, o Sindicato dos Bancários de Brasília consolida uma trajetória vitoriosa de lutas em defesa da Categoria, do Movimento Sindical, da Classe Trabalhadora e da própria democracia brasileira.

Em seus 58 anos de atuação – o reconhecimento oficial veio, via Carta Sindical do Ministério do Trabalho, em 23 de novembro de 1961 –, nosso Sindicato se orgulha de ter travado sempre a luta combativa e democrática em defesa dos direitos de seus filiados e filiadas, da livre manifestação e da organização de toda a classe trabalhadora brasileira, e de ter feito a incondicional defesa de direitos do povo brasileiro.

Desde o começo (éramos cerca de 400, a maioria do Banco do Brasil), sob a firme liderança de Adelino Cassis, nosso primeiro presidente (falecido em julho de 2011, no mesmo dia do encerramento da 13ª Conferência Nacional dos Bancários, em São Paulo), nosso Sindicato seguiu os passos de sua predecessora, a Associação dos Bancários, que funcionava na 712 Sul.

Em 1962, o Sindicato já atendia a categoria no edifício Arnaldo Villares, no Setor Comercial Sul, onde hoje fica o Sindicato dos Urbanitários (STIU-DF). Hoje, com milhares de associados e associadas, resumimos aqui um pouco de nossas conquistas.

SOLIDARIEDADE DE CLASSES:
Em 1963, o Sindicato já mobilizava e organizava uma das primeiras greves dos funcionários do Banco do Brasil. Com o Setor Bancário Sul ainda em construção, a entidade improvisava, sob estacas de madeiras, o planejamento da luta. No mesmo ano, o Sindicato também apoiou a greve dos barbeiros de Brasília, o que demonstra que desde aquela época a entidade já valorizava a solidariedade de classes, um dos princípios da CUT mantido até hoje com o apoio à luta de todos os trabalhadores. Da mesma forma que várias outras entidades de classe, grupos estudantis, partidos políticos, o Sindicato, seus militantes e filiados foram duramente reprimidos durante a ditadura militar (1964-1985). Entre 1964 e meados dos anos 1970, o Sindicato foi controlado por interventores nomeados pelos militares, que conduziam no dia a dia a política de atrelamento da entidade ao regime político em vigor. Mas, mesmo durante o regime militar, o Sindicato apoiou, entre 1983 e 1984, o Diretas Já, movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil. Em 1985, os bancários fazem a primeira greve nacional pós-64, uma das maiores da história da categoria, e conquistam reposição de perdas salariais.

QUEM TRABALHA EM BANCO É BANCÁRIO/A:
Com o apoio do Sindicato, em 1985, depois de uma paralisação nacional, os empregados da Caixa, que antes eram denominados economiários, são reconhecidos como bancários e conquistam a jornada de 6 horas. Depois de sucessivas paralisações, bancários e bancárias obtêm novas conquistas e se transformam na primeira categoria do país com data-base e unidade nacionais. Em 1986, forte aparato policial tentou, em vão, intimidar os bancários do Bradesco. Dois anos depois, grande repressão tentou impedir os bancários do BRB de cruzarem os braços. Com o apoio do Sindicato, os trabalhadores continuaram com o movimento.

NEOLIBERALISMO:
Em 1992, o Sindicato foi uma das primeiras entidades a apoiarem o processo de impugnação do mandato de Collor e usou de toda a sua capacidade de mobilização na campanha pelo impeachment de Collor de Mello que, além das denúncias de corrupção, aprofundou a recessão econômica, corroborada pela extinção, em 1990, de mais de 920 mil postos de trabalho e uma inflação na casa dos 1.200% ao ano. Acuado, Collor não esperou pelo Impeachment e renunciou em 29 de dezembro de 1992, tornando-se inelegível por 8 anos. Em 1999, durante campanha em defesa dos bancos públicos, o Sindicato voltou às ruas para realizar atos contra o governo. Graças a uma intensa campanha, que contou com o grande apoio de bancários/as e de outras categorias, o Banco do Brasil e a Caixa continuam públicos, embora siga a ameaça de privatização.

DEFESA DO BRB PÚBLICO:
Em 2007 e 2008, o Sindicato encabeçou a bem-sucedida campanha contra a privatização do Banco de Brasília – BRB. Intitulada "o BRB é nosso, é do DF, privatização não", a iniciativa mobilizou bancários, parlamentares e a sociedade civil em defesa do BRB. A forte atuação do Sindicato e o empenho da categoria impediu que o banco fosse vendido. A luta em defesa do banco regional público segue atualmente, com campanhas conjuntas com os trabalhadores de outras empresas públicas do DF. As investidas privatistas de governos passageiros são enfrentadas, até os dias de hoje, com o protagonismo dos bancários.

JORNADA LEGAL:
O Sindicato se mobilizou e foi pra linha de frente na luta contra a retirada de direitos e por melhores condições de trabalho e condições de vida, sobretudo na batalha travada contra os banqueiros pela jornada de 6 horas, para a Categoria e para toda a classe trabalhadora. O Sindicato foi pioneiro nas ações judiciais coletivas de 7 e 8 horas, para garantir que bancários e bancárias tenham seus direitos trabalhistas respeitados.

RESISTÊNCIA À RETIRADA DE DIREITOS:
O Sindicato foi às ruas, para dialogar com a população e informar a sociedade, e ao Congresso Nacional, para protestar contra os efeitos nefastos do Projeto de Lei – PL 4330, do governo golpista de Michel Temer, que institui a terceirização irrestrita, acaba com empregos, reduz salários e só beneficia o empresariado. Em protesto no Ministério da Fazenda, o Sindicato se posicionou contra a Resolução 23 da CGPAR, também de Temer, que investiu sobre os planos de saúde de autogestão das empresas públicas.

MP 905 – EFEITOS SUSPENSOS:
A partir da pressão dos trabalhadores, o Comando Nacional dos Bancários garantiu em mesa a assinatura de um acordo aditivo que susta os efeitos da medida para bancários/as da MPV 905/2019, que *"institui o Contrato de Trabalho Verde Amarelo e altera a legislação trabalhista"*.

PRESIDENTES

Entre 1960 a 2019, o Sindicato dos Bancários contou com 26 gestões, envolvendo 742 dirigentes, que representaram e representam a categoria de Brasília. Nosso presidente atual é Kleytton Guimarães Morais, e antes dele vieram: Eduardo Araújo de Souza, Rodrigo Lopes Britto, Jacy Afonso de Melo, José Wilson da Silva, Jacques de Oliveira Pena, José Alves da Silva, Erika Jucá Kokay, Paulo Borges, José Sampaio de Lacerda Júnior, Augusto Silveira de Carvalho, Benedicto José Rodrigues, Alvimar Figueira da Fonseca e Adelino Cassis, nosso primeiro presidente.

Ocupar-se

Clarice Lispector

Se lhe está sobrando tempo demais, a ponto de você conhecer uma das piores coisas da vida – o tédio – pense nessas possibilidades de ocupação:

- ✓ Explorar as aptidões com que você nasceu ou aquelas que você adquiriu e que poderiam se desenvolver.
- ✓ Fazer de algumas de suas aptidões um meio de trabalho regular, remunerado.
- ✓ Aplicar sua bondade em servir a tantos que dela precisam.
- ✓ Em vez de comprar todas as coisas de que você ou sua família precisam – fazê-las você mesma.

Clarice Lispector (*in memoriam*)
Escritora, em "Só para Mulheres". Organização Aparecida Maria Nunes. Editora Rocco, 2006.

SÃO FRANCISCO DE SALES: UM POUCO DE HISTÓRIA

Zezé Weiss

Dezembro é sempre tempo de voltar a São Francisco de Sales, bucólica cidadezinha de cerca de sete mil almas localizada no Triângulo Mineiro onde, há pouco mais de seis décadas, minha avó Maria Feliciana enterrou o meu umbigo numa barranca calorenta do Rio Grande, num lugar chamado Porto Mansinho, distante umas boas léguas do povoado que o povo da roça chamava de São Chico, na era simples do meu nascimento.

Bem mais perto da vila, a cerca de sete quilômetros, e a hora e meia de caminhada para as missas da minha infância em companhia da tia Debraila, grande rezadeira, fica a Fazenda Aldeia dos Índios, pertencente em vida a meus avós maternos, Jerônimo Pedro Villas Bôas e Enézia Cândida de Oliveira, filha da índia Alexandrina, descendente direta do povo Kayapó, ocupante daquele pedaço de chão no tempo do contato com os não originários.

Registra a história que o lugar onde São Francisco de Sales começou fica bem no encontro do Rio Verde com o Rio Grande, onde hoje vivem a prima Vanda e o primo Jerônimo, imbatíveis no preparo da deliciosa geleia de mocotó, esbranquiçada no muque, dos criativos palitos de mandioca ralada, e dos generosos tachos de pamonha com queijo de Minas.

E é também ali, a pouco mais de uma centena de metros, que fica o Porto Brasil, onde uma balsa estilosa faz a passagem obrigatória de mais de um quilômetro de rio para o município de Riolândia, no estado de São Paulo. Bem na saída da balsa fica a Prainha, o principal ponto turístico de São Francisco, com opções para quem gosta de pesca e esportes aquáticos.

Mas a São Francisco eu vou mesmo é pra visitar primos e primas – o João Neto (o primo mais velho), a Maria Olímpia, a Vanda, o Jerominho, a Idelcina e suas descendências, para ouvir dos mais antigos relatos sobre os meus pais, Odete e Vico, ou saber mais da história desse pedaço de chão onde, no ano da graça de 1825, um padre de nome Jerônimo Macedo rezou a primeira missa e do qual meu tio Delpides Vilas Bôas foi o primeiro intendente, entre os anos de 1963 e 1964.

Foto: divulgação

Zezé Weiss
Jornalista.

A DITADURA E OS INDÍGENAS

Felício Pontes Jr.

Não é novidade que centenas de pessoas que viviam em cidades e se opunham à ditadura militar tenham sido vítimas de tortura e, algumas delas, até de morte. Mas, depois de 50 anos de golpe militar, surgem as provas que estavam faltando para a comprovação de um fato que não está, ainda, escrito nos livros de História do Brasil: a ditadura assassinou milhares de indígenas.

Tudo começou quando a organização Tortura Nunca Mais recebeu uma carta de lideranças indígenas, chamando a atenção para o massacre ocorrido quando da construção da BR-174, que liga Manaus (AM) a Boa Vista (RR). Imediatamente foi acionada a Comissão Nacional da Verdade, grupo oficial que apurava violações de direitos cometidos pela ditadura militar, que passou a investigar o caso.

O resultado apurado é terrível. Parte da estrada, iniciada em 1967 e concluída em 1981, era e é, ainda hoje, território dos Waimiri-Atroari. Eles sempre foram considerados "brabos" pelos "brancos", por se recusarem a estabelecer contato. E reagiram à invasão do território. Os relatos mostram que, nos primeiros anos da construção da estrada, morreram 1.500 indígenas dos 3.000 que existiam na época. As mortes foram ocasionadas por granadas militares e até pesticidas, jogados de avião sobre as aldeias. Mas, como quase não havia contato com o branco, doenças virais também são elencadas como causa das mortes.

Fotos: divugação

FAMÍLIAS INTEIRAS DIZIMADAS

A execução desastrosa da BR-174 não é um caso isolado. A Perimetral Norte (BR-210) também atingiu os Yanomami, em Roraima. O Exército torturou os Aikewara ou Suruí do Pará, para obrigá-los a lutar contra a Guerrilha do Araguaia.

A Santarém-Cuiabá (BR-163) afetou os chamados índios gigantes, os Panará ou Krain-a-kore, na divisa do Pará e Mato Grosso. Neste último caso, famílias inteiras foram dizimadas. A população caiu de 700 para 50 pessoas. Os sobreviventes foram levados pelos irmãos Villas-Bôas para o Parque Indígena do Xingu. Só retornaram às suas terras em 1985.

Além desses relatos, a descoberta de um documento de 7 mil páginas ajudou a resgatar a verdade. Trata-se do Relatório Figueiredo, uma investigação do procurador Jader de Figueiredo Correia entre 1967 e 1968, sobre a atuação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), hoje Fundação Nacional do Índio (Funai), o qual foi encontrado por acaso. Ele informa também a existência de casas para torturar indígenas em Goiás, Amazonas e Mato Grosso do Sul, entre outros graves casos de violação de direitos humanos.

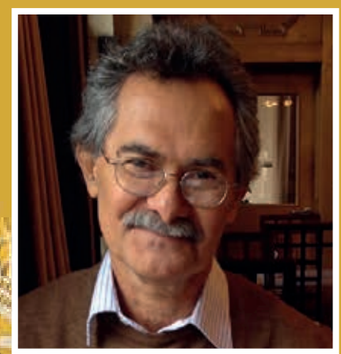
A investigação terminou no fim de 2014. A partir dela, será necessário reescrever os livros de História do Brasil.

Felício Pontes Jr.–
Procurador da República. Escritor. Autor de "Povos da Floresta – Cultura, Resistência e Esperança". REPAM-Paulinas, 2017.

OS BILROS

Pedro Tierra

Na dança dura do dia
entre os dedos da rendeira
os bilros trançam nos fios
a renda da vida inteira.
Os bilros são brasas negras
a crepitar infinitas
espumas de rendas brancas.
Nessa trama dos aflitos,
nessa dança dos contrários
a renda tece a rendeira
na ponta escura dos bilros.
No fio longo dos dias
a brasa viva dos bilros
urde o corpo da rendeira
nas linhas do seu destino,
destino de labirintos
de sonho em renda desfeito,
consumido na fogueira,
na trama de cada bico.



Pedro Tierra –
Poeta, no livro "O Porto Submerso".
Brasília: Edição do Autor, 2005.

FUNDEB PERMANENTE

E COM MAIS RECURSOS DA UNIÃO

Em 27 de novembro a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação) lançou o Dia Nacional de Mobilização pelo novo Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, cuja vigência só está assegurada até 31/12/2020, quando a atual Fundeb será extinto.

A extinção do Fundeb trará graves consequências para o financiamento da educação no Brasil inteiro. Por essa razão, o Sinpro/DF soma esforços com a CNTE para mobilizar a comunidade escolar, o Congresso Nacional e toda a sociedade brasileira em defesa da aprovação da PEC (Proposta de Emenda Constitucional) 15/2015, que torna o Fundeb permanente e provê um maior aporte de recursos da União para a Educação Básica.

Nossa luta é, portanto, pela permanência e ampliação dos repasses da União de 10 para 40%. E essa não é uma luta pequena, é do tamanho da real precisão da Educação brasileira, tão atacada nesses momentos de desmonte do sistema educacional brasileiro.

5 RAZÕES PARA APOIAR

1

MUITAS ESCOLAS FICARÃO SEM RECURSOS E PODERÃO ATÉ FECHAR

Principal mecanismo de financiamento da Educação Básica, o Fundeb é atualmente o responsável por 50% de tudo o que o Brasil investe por aluno a cada ano em pelo menos 4.810 municípios brasileiros (86% do total de 5.570 municípios). Se o Fundeb não for renovado, quase metade das escolas do país poderão fechar as portas, deixando alunos sem aulas. O Fundeb precisa ser permanente para que os estudantes não corram o risco de perder esse direito – e com mais recursos, para incluir os que ainda estão fora da rede.

2

CORRIGE DESIGUALDADES SOCIOECONÔMICAS REGIONAIS

O Fundeb é um conjunto de 27 fundos que distribui os recursos da educação em todos os entes da Federação, diminuindo as desigualdades regionais no campo da educação. Para se ter uma ideia, apesar dos municípios obterem cerca de 18% da arrecadação tributária, e os estados 25%, esses entes são responsáveis, respectivamente, pelo atendimento de 43% e de 35% do total de matrículas escolares. O Fundeb torna essa distribuição mais justa, dando mais recursos para quem atende mais estudantes. Em 2019, receberam a complementação da União nos seguintes estados: Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco e Piauí. Com o aumento do aporte da União, dos atuais 10% para até 40% em 10 anos, a maioria dos estados será beneficiada com esses novos recursos.

3

PROMOVE A QUALIDADE DA EDUCAÇÃO PÚBLICA

O CAQ (Custo Aluno-Qualidade) é um mecanismo para determinar o quanto o Brasil precisa investir por aluno ao ano para garantir um padrão de qualidade do ensino. Foi incluído em quatro das doze estratégias da Meta 20 do novo PNE (Plano Nacional de Educação, Lei 13.005/2014). Para realizar este cálculo, o CAQ considera condições como tamanho das turmas, formação, salários e carreira compatíveis com a responsabilidade dos profissionais da educação, laboratórios, bibliotecas, quadras poliesportivas, entre outros equipamentos, para cumprir a lei. O CAQ precisa ser regulamentado e o novo Fundeb permanente e com mais recursos da União poderá garantir esses recursos para a qualidade da educação.

4

VALORIZA OS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO

A CNTE propõe a subvinculação de no mínimo 80% dos recursos do Fundeb para remunerar todos os profissionais da educação. O aumento do aporte da União é uma forma de garantir melhores condições de trabalho, salário e carreira para as trabalhadoras e trabalhadores das escolas públicas. Essa valorização requer a imediata regulamentação do piso salarial profissional e de diretrizes nacionais para os planos de carreira da categoria, direitos previstos no art. 206 V e VIII da Constituição Federal.

5

FUNDEB ATENDE A DEMANDA POR DIREITO À EDUCAÇÃO!

O Fundeb já provou ser um instrumento extraordinário para aumentar o número de matrículas nas escolas. Mas os recursos ainda são insuficientes. O aumento do aporte da União no Fundeb, dos atuais 10% para 40% em 10 anos, além da inclusão de novas receitas ao Fundo (sobretudo as riquezas provindas da exploração de petróleo, gás e minérios), é importante para que o país de fato possa incluir, com qualidade, os mais de 2 milhões de crianças e adolescentes que ainda estão fora da escola. Também é necessário atender os quase 80 milhões de jovens e adultos acima de 18 anos de idade que não concluíram a educação básica e os mais de 13 milhões de adultos analfabetos no país.

Rosilene Corrêa Lima
Diretora do Sinpro/DF

SINPRO DF ® Filiado: CUT CNTE
SINDICATO DOS PROFESSORES NO DISTRITO FEDERAL
40 ANOS
CUT CNTE

SOBRE O PROSEAR COM A NATUREZA: "QUAL É O PROBLEMA?"

Ailton Krenak

Foto: divulgação - Yrerewa Bras/Arquivo Pessoal

Li uma história de um pesquisador europeu do começo do século XX que estava nos Estados Unidos e chegou a um território dos Hopi. Ele tinha pedido que alguém daquela aldeia facilitasse o encontro dele com uma anciã que ele queria entrevistar.

Quando foi encontrá-la, ela estava parada perto de uma rocha. O pesquisador ficou esperando até que falou: "Ela não vai conversar comigo, não?". Ao que seu facilitador respondeu: "Ela está conversando com a irmã dela". "Mas é uma pedra". E o camarada disse: "Qual é o problema?".

Tem uma montanha rochosa onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração [da Samarco]. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome – Takukrak – e personalidade.

De manhã cedo, lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham pra ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo "não estou para conversa hoje", as pessoas já ficam atentas.

Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: "Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser".

Ailton Krenak
– Líder Indígena. Pensador. Filósofo. Em "Ideias para adiar o fim do mundo". Companhia das Letras. 2019.

LOJA XAPURI
100%
SOLIDÁRIA

www.xapuri.info/loja-solidaria

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Cada produto vendido por nós e comprado por você contribui para o fortalecimento de um pequeno empreendimento, de um coletivo de mulheres, de um povo indígena, de um projeto socioambiental, ou de um movimento social.

DESMONTE DO FUNCIONALISMO PÚBLICO:

Governo de Goiás quer acabar com a licença-prêmio, quinquênio e mandato classista

Bia de Lima

Projeto que destrói direitos dos/as servidores/as já está na Assembleia Legislativa de Goiás

Em mais uma tentativa de culpar os/as servidores/as públicos/as pelas mazelas do Estado, o Governo de Goiás encaminhou à Assembleia Legislativa de Goiás (Alego), um projeto que altera o estatuto dos/as servidores/as e com esta medida busca acabar com direitos importantes como licença-prêmio e o quinquênio, além de acabar com o mandato classista, como uma forma de fragilizar os sindicatos. Todas estas medidas nefastas estão contidas no Projeto de Lei da Reforma Administrativa tramita na Alego.

A licença-prêmio é o benefício que concede aos/as servidores/as públicos/as um período de descanso de três meses a cada cinco anos de efetivo trabalho. Já o quinquênio é uma porcentagem de gratificação incidente sobre o vencimento e incorporado à remuneração, após cada cinco anos de efetivo exercício prestado. Por sua vez, o mandato classista consiste na licença remunerada concedida para o desempenho de mandato em confederação, federação, associação de classe de âmbito nacional, sindicato representativo da categoria ou entidade fiscalizadora da profissão.

É importante salientar que todos esses direitos estão garantidos na Constituição Federal e foram conquistados com muita luta dos/as servidores/as públicos/as, que se desdobram para exercerem suas funções com excelência, dedicação e muita competência.

O Governo de Goiás trabalha a todo momento para vender a ideia de que os/as servidores/as públicos/as, recebem bons salários, trabalham pouco, se aposentam com condições especiais e privilegiadas, o que é não é verdade! A maioria dos/as servidores/as, principalmente os/as profissionais da Educação, possui baixos salários e sobrecarga de trabalho. A administração de Goiás precariza e desvaloriza o trabalho fundamental destes/as profissionais e impõe retrocessos que terão impactos profundos na vida dos/as servidores/as e consequentemente na sociedade.

Para além da defesa dos/as profissionais da Educação, como presidenta eleita também da Central Única dos Trabalhadores em Goiás (CUT/GO), sigo lutando por todos/as os/as servidores/as públicos/as que sofrem com as medidas equivocadas e maldosas do Governo de Goiás. O ano de 2019 começou com o atraso do salário de dezembro/18 e se arrastou até agosto/19 quando foi totalmente resolvido, um completo descaso! Agora, no final do ano, época em que nós trabalhadores/as estamos nos preparando para as festas de fim de ano, somos apunhalados com tantas propostas de reformas que só prejudicam a nós, servidores/as públicos/as. São cortes, achatamento de carreira, perda de direitos e a tentativa de enfraquecimento do movimento sindical.

Me pergunto se somos nós professores/as, administrativos/as, profissionais da saúde, bombeiros, policiais militares e civis, fiscais, e mais tantas outras categorias fundamentais para o giro da máquina estatal, os/as verdadeiros/as culpados/as pela calamidade financeira do Estado? O fato é que recebemos menos do que realmente merecemos e estamos sendo culpabilizados/as e penalizados/as pela ingerência das administrações que geriram o Estado de Goiás.

Mais do que fundamentais, nós servidores/as públicos/as somos necessários/as para a população e não somos vilões! Também por isso, merecemos a manutenção dos nossos direitos, o reconhecimento devido e a remuneração adequada. Dessa forma, conclamo a mobilização de todos/as os/as servidores/as públicos/as de Goiás, especialmente os da Educação, para que tais absurdos não sejam cometidos contra nós trabalhadores/as! Vamos à luta!

Bia de Lima
Educadora. Presidenta do SINTEGO. Presidenta da CUT/GO.

SINTEGO
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS
filiado à
CUT BRASIL CNTE

SINTEGO 30 ANOS 1988 - 2018

Fotos: Acervo Sintego

PARA ALÉM DAS NAÇÕES, CONSTRUIR A TERRA

Leonardo Boff

Um anúncio-propaganda de um dos canais de televisão mostra um grupo multiétnico cantando: "Minha pátria é a Terra". Aqui se revela outro estado de consciência que deixou para trás a ideia convencional de pátria e de nação.

Com efeito, vivemos ainda sob o signo das nações, cada qual se autoafirmando, fechando ou abrindo suas fronteiras e lutando por sua identidade. Essa fase, ainda vigente, pertence a outra época da história e da consciência. A globalização não é apenas um fenômeno econômico. Representa um dado político, cultural, ético e espiritual: um novo passo na história do planeta Terra e da Humanidade.

Há alguns milhares de anos, a espécie humana saiu de África, de onde surgimos no processo evolutivo (somos todos africanos), e conquistou todo o espaço terrestre, constituindo vilas, cidades e civilizações. Fernão de Magalhães fez em três anos (1519-1522) a circum-navegação da Terra e comprovou empiricamente que ela é efetivamente redonda (não plana como uma obtusa visão ainda sustenta). Depois da expansão, chegou o tempo da concentração, do retorno do grande exílio.

Todos os povos estão se encontrando num único lugar: no planeta Terra. Descobrimo-nos, para além das nacionalidades e das diferentes etnias, que formamos uma única espécie, a humana, ao lado de outras espécies da grande comunidade de vida.

À custa de muito esforço, estamos ainda aprendendo a conviver acolhendo as diferenças sem deixar que se transformem em desigualdades. Respeitando a riqueza acumulada pelas nações e etnias, que revelam os vários modos de sermos humanos, somos confrontados com um desafio novo, nunca antes havido: a construção da Terra como Casa Comum.

Cresce a consciência de que Terra e Humanidade possuem um destino comum. Xi Jin Ping, Chefe de Estado da China, o formulou bem: temos o dever de construir a "Comunidade de Destino compartido para a Humanidade".

O êxito dessa construção nos trará um mundo de paz, um dos bens mais ansiados por todos. Viver em paz, oh que felicidade! Essa paz é que nos falta nos dias atuais.

Ao contráro, vivemos em guerras regionais letais e uma guerra total movida contra Gaia, a Terra viva, nossa Mãe Terra atacada em todas as frentes, a ponto de ela mostrar sua indignação através do aquecimento global e da exaustão de seus bens e serviços, sem os quais a vida corre risco.

Nesse contexto, vale revisitar um clássico do pensamento ocidental, um filósofo, Immanuel Kant (+1804), um dos primeiros a pensar uma República Mundial (Welrepublik), embora nunca tenha saído de sua pequena cidade de Königsberg, na Alemanha. Ela só se consolida se conseguir instaurar uma "paz perene". Seu texto famoso de 1795 se chama exatamente "Para uma paz perene" (*Zum ewigen Frieden*). A paz perene se sustenta, segundo ele, sobre duas pilastras: a cidadania universal e o respeito aos direitos humanos.

Essa cidadania se exerce primeiramente pela "hospitalidade geral". Precisamente ela porque, diz ele, todos os humanos têm o direito de estar nela e visitar seus lugares e os povos que a habitam. A Terra pertence comunitariamente a todos.

Face aos pragmáticos da política, geralmente pouco sensíveis ao sentido ético nas relações sociais, enfatiza: "A cidadania mundial não é uma visão de fantasia, mas uma necessidade imposta pela paz duradoura". Se queremos uma paz perene e não apenas uma trégua ou uma pacificação momentânea, devemos viver a hospitalidade e respeitar os direitos.

Outra pilastra são os direitos universais. Estes, numa bela expressão de Kant são "a menina-dos-olhos de Deus" ou "o mais sagrado que Deus colocou na Terra".

O respeito deles faz nascer uma comunidade de paz e de segurança que põe um fim definitivo "ao infame beligerar".

O império do direito e a difusão da cidadania planetária expressa pela hospitalidade devem criar uma cultura dos direitos, gerando de fato a "comunidade dos povos". Essa comunidade dos povos, enfatiza Kant, pode crescer tanto em sua consciência que a violação de um direito num lugar é sentida em todos os lugares, coisa que mais tarde repetirá por sua conta Ernesto Che Guevara.

Essa visão ético-política de Kant fundou um paradigma inédito de globalização e de paz. A paz resulta da vigência do direito e da cooperação juridicamente ordenada e institucionalizada entre todos os Estados e povos.

Diferente é a visão de outro teórico do Estado e da globalização, Thomas Hobbes (+1679). Para ele, a paz é um conceito negativo, significa a ausência da guerra e o equilíbrio da intimidação entre os estados e povos. Essa visão funda o paradigma da paz e da globalização fundado do poder do mais forte que se impõe aos demais. Ele predominou por séculos e hoje voltou poderosamente pelo bizarro presidente dos USA, Trump, que ainda sonha com um só mundo e um só império, o norte-americano.

Os EUA decidiram combater o terrorismo com o terrorismo de Estado. É a volta ameaçadora do Estado-Leviatã, inimigo figadal de qualquer estratégia de paz. Nessa lógica não há futuro para a paz nem para a humanidade.

Hoje somos confrontados com este cenário: se forem ativados os arsenais de armas nucleares pela insanidade de um governante ou pela Inteligência Artificial Autônoma, poderá ser o fim de nossa espécie. *Et tunc erat finis.*

Teremos tempo e sabedoria suficientes para mudar a lógica do sistema implantado há séculos, um sistema que ama mais a acumulação de bens materiais do que a vida? Isso dependerá de nós.

Leonardo Boff
Teólogo. Filósofo. Escreveu: Cuidar da Terra e proteger a vida: como escapar do fim do mundo, Record, 2010. https://leonardoboff.wordpress.com/

ANGELA DAVIS:
"A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE"

Iêda Vilas-Bôas

A vida em suas sinuosas curvas sempre escolhe pessoas fortes, resolutas, inteligentes para que possam aguentar as turbulências necessárias às mudanças. São caminhos e rumos difíceis, mais longos, acidentados e, por vezes, quase impossíveis de serem trilhados.

A vida escolheu uma negra, mulher, ativista, marxista e feminista para lutar por um mundo mais justo, igual, humano e solidário. Assim foi, tem sido e é com Angela Yvonne Davis.

Nasceu ela em 26 de janeiro de 1944 em Birmingham, Alabama, EUA. Este estado era um dos mais racistas do sul dos Estados Unidos. Vigorava nessa época a cruel e poderosa *KKK – Ku-Klux-Klan*, que tinha por preceito perseguir, linchar, violentar e matar qualquer negro que tivesse o azar de passar pela frente da organização civil.

Desde criança, sofreu todos os traumas de viver em uma cidade segregada. Seu bairro era palco da monstruosa tradição de explodirem casas de famílias e igrejas, muitos desses locais com pessoas dentro.

Angela Davis, lutadora, ativista e professora sabe o que diz quando fala sobre o racismo e suas consequências, o extremismo conservador, o machismo e sobre a desigualdade social. Desde os catorze anos assumiu a luta e tornou-se figura símbolo da causa negra na década de 1960 nos EUA. Continua firme no posto de timoneira frente à resistência e luta do povo preto e das minorias. Sua voz sintetiza o lugar de fala dos excluídos:

> "Nós representamos as poderosas forças de mudança que estão determinadas a impedir que as moribundas culturas do racismo e do patriarcado heterossexual se ergam novamente".

Indignada com a morte de suas amigas na igreja de seu bairro, em 1963, ainda adolescente organizou grupos de estudo inter-raciais. Não demorou muito para que esses estudos fossem perseguidos e proibidos pela polícia.

A jovenzinha inteligente viu que ali não era seu lugar e com a coragem e a determinação que regem os bravos e vencedores migrou para o norte dos EUA. Foi viver no centro alternativo da cultura americana: *Greenwich Village*, no coração de Manhattan, que era o epicentro do movimento de contracultura da cidade na década de 1960.

Essa coisa de que as energias equivalentes do universo se atraem vale bem para o encontro de Angela, que foi estudar filosofia na universidade de Brandeis, no estado de Massachusetts, com o professor Herbert Marcuse, o pai da "nova esquerda" americana, advogado de causas em favor dos direitos civis, do movimento gay e da desigualdade de gêneros, entre outras causas sociais.

Angela Davis representava uma ameaça ao *status quo* masculino e branco: era mulher, negra, inteligente, altiva, carismática, envolvente, segura, orgulhosa de seu povo e de sua cor.

Tais atributos eram afronta e desafio ao sistema opressor vigente. Tais atitudes não podiam ficar impunes e, em 1969, foi demitida do cargo de professora de filosofia da Universidade da Califórnia. O motivo era sua associação com o partido comunista americano e com os Panteras Negras.

A década de 1970 inicia juntamente com uma perseguição a Angela. Ela foi colocada na lista dos 10 criminosos mais perigosos do país. Nesse período, foi condenada e presa, sem provas, num espetáculo racista, machista e homofóbico para o mundo ver.

Sua militância e ativismo passam a abranger a luta por reformas no sistema prisional e contra aprisionamentos injustos. Foi acusada de comprar armas para um dos réus negros que defendia no caso que levou os três réus negros e o juiz branco à morte. Ela foi tratada como uma terrorista de alta periculosidade, condenada e confinada em 1971.

Mas Angela já tinha feito sua história e tinha fãs e adeptos às suas causas. Sua prisão causou enorme reação popular. Centenas de comitês pela sua libertação e um verdadeiro movimento cultural foram criados por todo o país.

Cantores como John Lennon, Yoko Ono e Rolling Stones homenagearam Angela com suas canções. Finalmente, em 1972, depois de um ano e meio de encarceramento, a ativista foi liberada e declarada inocente.

Depois de sua prisão e soltura, Angela se tornou uma famosa e destacada professora de história, estudos étnicos, estudos femininos e história da consciência em diversas das maiores universidades dos EUA e do mundo. Entretanto, a militância e a política eram pautas constantes em suas diversas atividades.

Desde os anos 1970 até hoje, sua voz ecoa contra o sistema carcerário americano, contra a guerra do Vietnã, todas as guerras, o racismo, a desigualdade de gêneros, o sexismo, a pena de morte, e grita total apoio à causa feminista e ao LGBTQI e todas as minorias.

Angela continua presente nas lutas e em constante resistência. Foi ela que conduziu a Marcha das Mulheres, um dia após a posse do novo presidente dos EUA, Donald Trump, que levou 3 milhões de mulheres às ruas contra o retrocesso das políticas de caráter racista, xenofóbico e autoritário do presidente eleito.

Angela Davis segue lutando com suas armas e crenças, só que agora já não luta só: ao seu lado segue uma legião de brancos, negros, amarelos, multicolores, seguindo seu brado e pelejando também por suas causas.

Davis, no auge de seus 75 anos, esteve recentemente (outubro de 2019) em São Paulo e no Rio de janeiro, participando de um ciclo de debates e palestras. Realizou a conferência *"A liberdade é uma luta constante"* no encerramento do seminário internacional *"Democracia em Colapso?"*.

Também, lançou um livro de Autobiografia pela Editora Boitempo. Sorte dos que a puderam ver e tiveram o privilégio de ouvi-la ao vivo; e sorte de todos nós, pela graça da atuação das mídias que nos possibilitaram acompanhar sua visita e permitem que possamos rever as gravações, para que não nos esqueçamos de quem foi e é Angela Davis. Salve!

Iêda Vilas-Bôas
Escritora. Professora.
Presidente da ALANEG-RIDE
e Revisora de Textos

Frisson

QUANDO O GOVERNO REDUZ O COMBATE, QUEM GANHA A BATALHA É O HIV.

Desde os anos 80, o Brasil é referência mundial na prevenção e tratamento da AIDS. Agora, esse protagonismo está ameaçado por uma política reducionista e descomprometida que pode por em risco milhares de vidas.

#DenuncieDescasoAids

1º de dezembro
Dia Mundial de Luta Contra a AIDS

CNTE Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação
www.cnte.org.br
Brasil

Filiada à CUT Brasil · Internacional de Educação · CEA · FNPE

CAMPANHA XAPURI
ASSINATURA SOLIDÁRIA

ASSINE A XAPURI E GANHE, AGORA, UMA LINDA CAMISETA DA RESISTÊNCIA,
COM FRETE GRÁTIS PARA QUALQUER LUGAR DO BRASIL.

PRA XAPURI ACONTECER, NÓS PRECISAMOS DE VOCÊ.
VEM COM A GENTE!

REVISTA IMPRESSA

ANUAL R$ **190**,00 12 EDIÇÕES

BIANUAL R$ **290**,00 24 EDIÇÕES

ASSINE JÁ! **WWW.XAPURI.INFO/ASSINE**